

Índice de Anexos

Anexo I - Plano ercurso expositivo / Planta da exposição (II)

Anexo II - Tabela de relação Fases de Produção / Audiovisuais (V)

Anexo III - Tabelas para os audiovisuais e guiões (VII)

Anexo IV - Programa de Iniciativas associado à exposição (XXI)

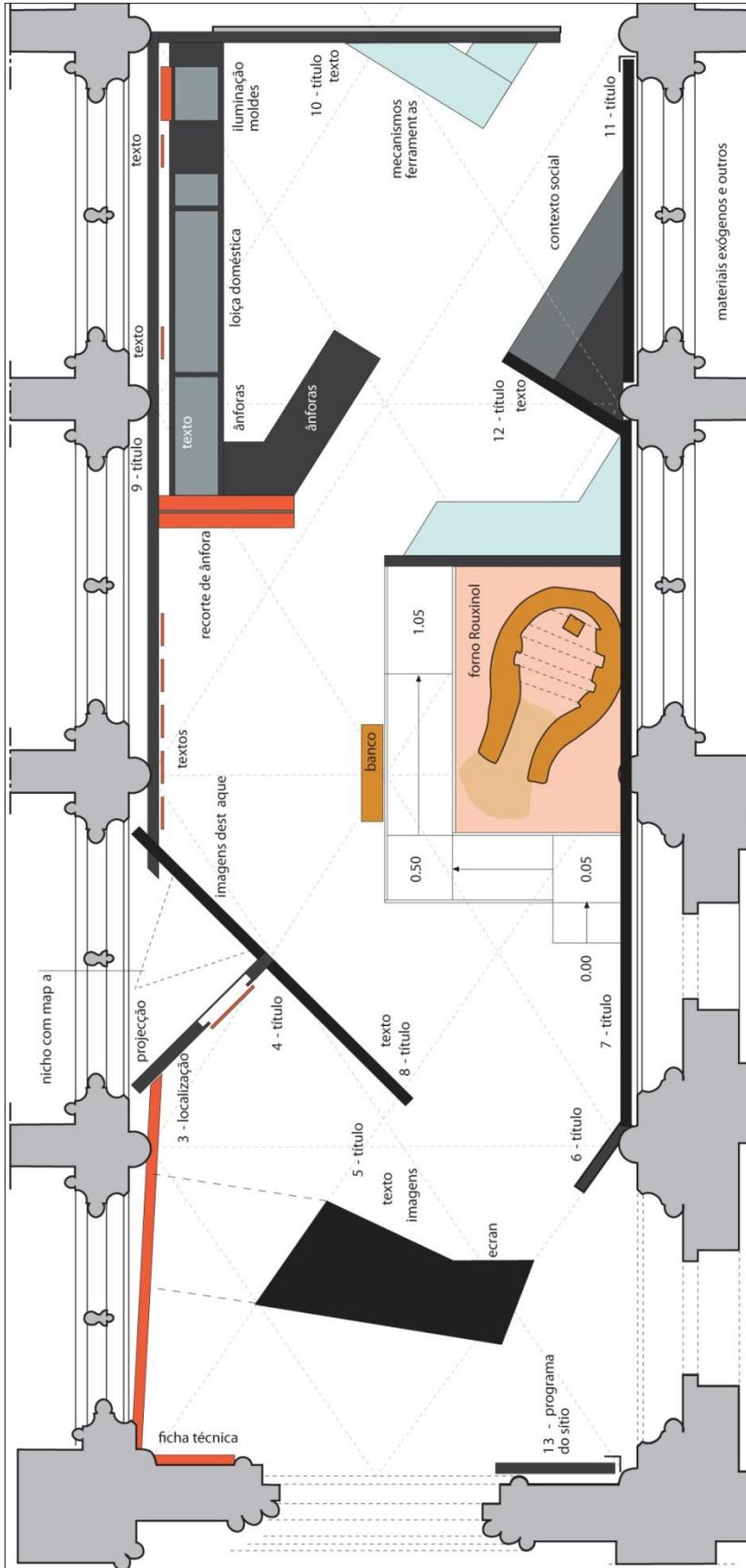
Anexo V - As fichas de apoio para a visita temática "Olaria romana da
Quinta do Rouxinol": (XXVI)

Anexo VI - Índice do dossiê documental e textos produzidos (XLIII)

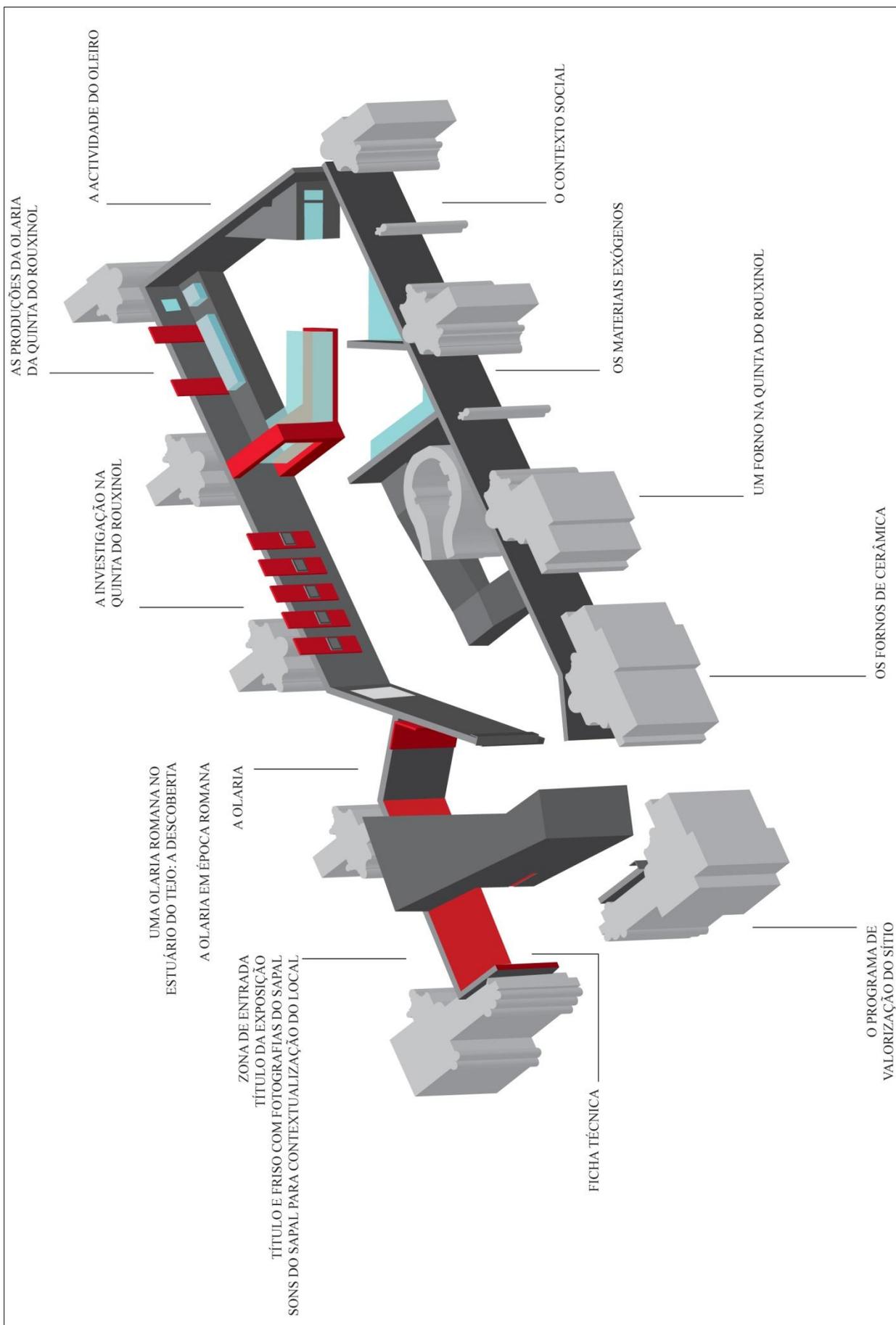
ANEXO VI - Documentação de apoio ao Programa de Iniciativas
complementar da exposição (LXXIII)

Anexo I

Plano percurso expositivo / Planta da exposição



Lab [D] - oficina de design, Lda | Rua da Torre, 28 | 1300-560 Lisboa | Tel: 213 623 930 | e-mail: oficinadesign@netcabo.pt
 cliente: Ecomuseu Municipal al do Seixal | Museu Nacional de Arqueologia
 obra: "Olaria Romana da Quinta do Rouxinol"
 fase: exposição
 ref: EMS.02 | 08
 escala: 1:100
 data: Out.08
 designação: planta geral
 estudo
 desenho nº: 1.00



Anexo II

Tabela de relação Fases de Produção / Audiovisuais

Tabela de relação Fases do Barro/ Audiovisuais

	OAL – Oleiro Arredores de Lisboa (Mafra)	OCR – Oleiro Casal do Redinho (Montemor-o-Velho)	OL – Oleiro de Lisboa	OVA – Oleiro Viana do Alentejo
Extracção do barro	-	-	OL – 2 (0:10)	-
Transporte do barro do local de extracção para a oficina	-	-	OL – 3 (0:23)	-
Tratamento do barro na oficina	OAL – 3 (1:22)	OCR – 1 (1:15)	OL – 4 (0:45)	-
Técnica tradicional: a roda de oleiro	OAL – 2 (7:54)	OCR – 2 (9:17) OCR – 4 (0:14) OCR – 5 (6:23)	OL – 5 (1:33)	OVA – 1 (0:24) OVA – 3 (1:03)
Técnica de produção em série: o molde	-	-	OL – 6 (0:46)	-
Preparação das peças para a cozedura	OAL – 5 (0:28) OAL – 7 (0:25)	-	-	-
Acabamentos	-	-	OL – 7 (0:17) OL – 9 (0:40)	-
Pintura	OAL – 9 (1:03)	-	OL – 10 (2:14)	-
Aplicação do Vidrado	-	OCR – 10 (0:57)	OL – 11 (0:27)	OVA – 4 (0:15)
Enfornar	OAL – 4 (1:44) OAL – 10 (1:48) OAL – 11 (2:18)	-	OL – 12 (0:54) OL – 13 (0:27)	OVA – 7 (1:01)
Cozedura	OAL – 12 (1:42)	-	-	OVA – 8 (0:50)
Desenformar		-	OL – 14 (0:50)	
Venda ao público	OAL – 14 (1:59)	-	-	-
Peças	-	OCR – 3 (0:39) OCR – 11 (1:14)	OL – 8 (0:39)	OVA – 4 (0:15)
Narrativas (Formatos: vídeo e áudio)	OAL – 1 (1:31) OAL – 8 (0:41)	OCR – 6 (1:13) OCR – 7 (1:22) OCR – 8 (1:49) OCR – 9 (2:03)	-	-

Anexo III

Tabelas de preparação para os audiovisuais e guiões

Conteúdo das pastas

Pasta “Vídeo”

Vídeo	Duração
1 – Extracção do barro	00:10
2 – Tratamento do barro	00:54
2 – Tratamento do barro_a	00:15
2 – Tratamento do barro_b	00:22
2 – Tratamento do barro_c	00:16
3 - Na roda de oleiro	00:57
4 – Preparação para a cozedura	00:08
5 – Enfornar_Mafra	01:17
6 – Enfornar_Viana do Alentejo	00:45
7 – Enfornar_Lisboa	00:46
8 – Forno a lenha_Mafra	00:50
9 – Forno a lenha (Forneca) _Viana do Alentejo	00:32
10 - Desenfornar	00:34

Pasta “Áudio”

Áudio	Duração
Áudio	01:09,63

Tabelas de Processamento dos ficheiros

1 – Processamento das componentes do audiovisual

Componente Vídeo		Componente áudio	

Fase de trabalho do barro	Legenda	Segmento áudio	Tempo de entrada
1 – Extracção do barro	Extracção do barro / Lisboa		
2 – Tratamento do barro	Preparação do barro para o trabalho na roda / Zona de Lisboa		
2 – Tratamento do barro_a	Recuperação das propriedades plásticas da argila /Lisboa		
2 – Tratamento do barro_b	Depuração da argila/Lisboa		
2 – Tratamento do barro_c	Elaboração do “Pêlo” de barro/ Olaria Manuel dos Santos Araújo/ Mafra		
3 - Na roda de oleiro	Trabalho na roda / “Olaria do Convento” / Viana do Alentejo	Áudio	01:20,46
4 – Preparação para a cozedura	Preparação das peças para a cozedura / Olaria Manuel dos Santos Araújo/ Mafra		
5 – Enfornar_Mafra	Enfornar / Olaria Manuel dos Santos Araújo/ Mafra		
6 – Enfornar_Viana do Alentejo	Enfornar / “Olaria do Convento” / Viana do Alentejo		
7 – Enfornar_Lisboa	Enfornar /Lisboa		
8 – Forno a lenha_Mafra	Cozedura em forno a lenha / Olaria Manuel dos Santos Araújo/ Mafra		
9 – Forno a lenha (Forneca) _Viana do Alentejo	Cozedura em forno a lenha / “Olaria do Convento” / Viana do Alentejo		
10 - Desenfornar	Desenfornar / Lisboa		

2 - Estruturação de Guiões

Guião Sequenciado	Guião Picture in Picture
--------------------------	---------------------------------

Guião Sequenciado			Guião Picture in Picture				
Fase de trabalho		Segmentos de vídeo correspondentes	Fase de trabalho		Segmentos de vídeo correspondentes		
1	Extracção da matéria-prima	1 – Extracção do barro	1	Extracção da matéria-prima	1 – Extracção do barro		
2	Preparação do barro para o trabalho na roda	2 – Tratamento do barro	2	Preparação do barro para o trabalho na roda	2 – Tratamento do barro		
3	O trabalho na roda de oleiro	3 - Na roda de oleiro	3	O trabalho na roda de oleiro	3 - Na roda de oleiro		
4	Preparação das peças para a cozedura	4 – Preparação para a cozedura	4	Preparação das peças para a cozedura	4 – Preparação para a cozedura		
5	Enfornar	5 – Enfornar_Mafra	5	Enfornar	5 a)	5 b)	
		6 – Enfornar_Viana do Alentejo			5 – Enfornar_Mafra	6 – Enfornar_Viana do Alentejo	7 – Enfornar_Lisboa
		7 – Enfornar_Lisboa					
6	Cozedura em forno a lenha	8 – Forno a lenha_Mafra	6	Cozedura em forno a lenha	6 a)		
		9 – Forno a lenha (Forneca) _Viana do Alentejo			8 – Forno a lenha_Mafra	6 b) 9 – Forno a lenha (Forneca) _Viana do Alentejo	
7	Desenformar	10 - Desenformar	7	Desenformar	10 - Desenformar		

Notas

- Os segmentos com a designação “2 – Tratamento do barro_a”, “2 – Tratamento do barro_b” e “2 – Tratamento do barro_c” são fracções de vídeo que juntas compõem o segmento intitulado “2 – Tratamento do barro”. Sendo que a fase a que corresponde este último é composta por três operações distintas, correspondendo a cada uma destas a uma das fracções, optou-se, por questões operacionais, remeter quer o segmento completo quer as partes que o compõem, em ficheiros individualizados, de forma a potenciar o processamento final do audiovisual.

Exposição

Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo

Ficha Técnica

Coordenação

Ecomuseu Municipal do Seixal – Serviço de Arqueologia

Seleção de Imagens e Conteúdos

Ecomuseu Municipal do Seixal – Serviço de Arqueologia, com a colaboração de João Almeida

Elaboração de guião

Ecomuseu Municipal do Seixal – Serviço de Arqueologia, com a colaboração de Luís Banha

Edição Vídeo

Luís Banha

Fontes audiovisuais – Arquivo da RTP

Programa / Título: *Memória de um povo – Trabalho do corpo, trabalho das formas,*

Realização: Teresa Olga, **Data:** 1981, **Local:** Montemor-o-Velho

Programa / Título: *As profissões – II – Oleiro,* **Realização e argumento:** José Asseiceiro

Data: 1986, **Local:** Mafra

Título: *Cerâmica,* **Direcção:** Fialho Oliveira, **Data:** 1960, **Local:** Lisboa

Programa / Título: Programa Presença do Passado – Olaria de Viana do Alentejo, **Data:** 1973, **Local:** Viana do Alentejo

Montagem e Conceptualização gráfica

FCosta Oficina de Museus

IV - 4 - AUDIOVISUAL PARA PÚBLICO JUVENIL / INFANTIL

Pasta “Segmentos_Vídeo”

Vídeo	Duração
1 – Extracção do barro	0:10
2 – Tratamento do barro_a1	0:11
2 – Tratamento do barro_b1	0:13
2 – Tratamento do barro_c1	0:09
3 - Na roda de oleiro	0:54
4 – Enfornar_Viana do Alentejo	0:28
5 – Forno a lenha (Forneca) _Viana do Alentejo	0:12
6 – Lenha a arder	0:03
7 – Forno em fase final de cozedura	0:17
8 – Segmento final com peças acabadas	0:21

Pasta “Áudio_personagem”

Áudio	Duração
Áudio_1	0:28
Áudio_2	0:23
Áudio_3	0:14
Áudio_4	0:06
Áudio_5	0:11
Áudio_6	0:18
Áudio_7	0:08
Áudio_8	0:13

Áudio_9	0:14
Áudio_10	0:14
Áudio_11	0:16
Áudio_12	0:20
Áudio_13	0:04

Guião para audiovisual simplificado

<p>Personagem</p> <p>Nome: Rita</p> <p>Sexo: feminino</p>
--

Introdução da cena e do personagem

(personagem aparece com um computador portátil fechado debaixo do braço direito)

[Áudio_1]

- Olá, eu sou a Rita. Estão bons?

- *(resposta dos alunos)*

- Sabem, há uns dias atrás visitei esta exposição sobre a olaria romana da Quinta do Rouxinol, com os meus amigos. Gostei tanto que cheguei a casa e fiz umas pesquisas na Internet. Andei a tentar perceber como se fazem as peças em barro. Querem ver o que eu descobri?

- *(resposta dos alunos)*

- Tenho aqui comigo o meu portátil, mas vou ligá-lo a um ecrã maior, para vocês verem melhor.

(personagem tira o computador portátil de baixo do braço direito e liga-o a um ecrã de dimensão razoável para a visualização das imagens)

[Áudio_2]

- O que aprendi é que o modo de trabalhar o barro não mudou muito desde os romanos até há poucos anos. Foram-se inventando algumas máquinas, mas muita coisa continuou a depender da habilidade do oleiro. As formas das peças também se mantiveram durante séculos,

exactamente com as mesmas funções: preparar a comida, comer, beber, guardar os alimentos...

(personagem liga o computador portátil e no ecrã aparece o logótipo da exposição)

[Áudio_3]

- Em filmes antigos da televisão, encontrei imagens do tempo dos vossos pais e avós, que mostram como se trabalha o barro para fazer loiça e outras peças. O que os romanos faziam era muito parecido. Vamos ver??

[Áudio_4]

- Começando pelo princípio, sabem que o barro, a que também podemos chamar argila, vem da terra?

[Áudio_5] *(em simultâneo com o segmento 1 – Extração do barro e a atenção centra-se no ecrã)*

O oleiro tem de cavar em sítios onde sabe que há barro. A esses sítios chamamos barreiros. Depois, o oleiro leva o barro para o sítio onde trabalha, a olaria.

[Áudio_6] *(entra em simultâneo com o segmento 2 – Tratamento do barro_a1 e a atenção centra-se no ecrã)*

Na olaria, o barro tem de ser limpo de raízes, areias e outras sujidades. Mas também tem de ser molhado, para ficar mole e moldável como a nossa plasticina.

Precisa ainda de ser bem misturado e amassado.

Normalmente, eram os aprendizes que faziam estes trabalhos.

[Áudio_7] *(entra em simultâneo com o segmento 2 – Tratamento do barro_c e a atenção centra-se no ecrã).*

Com o barro bem limpo e amassado, o oleiro prepara pequenas bolas, com as quantidades certas para fazer cada peça.

[Áudio_8] *(entra em simultâneo com o segmento 3 - Na roda de oleiro e a atenção centra-se no ecrã)*

O oleiro põe o barro em cima da roda, e as suas mãos parecem mágicas! Num instante, com o barro sempre a girar, fazem peças tão bonitas! Até parece fácil, não é?!

Um bocadinho de cana serve para ajudar a modelar a peça *(fala a entrar no segmento 3 - Na roda de oleiro, ao segundo 00:21 do segmento)*

Com um fio, corta-se a peça para a tirar da roda *(fala a entrar no segmento 3 - Na roda de oleiro, ao segundo 00:28 do segmento)*

Olha como se faz o bico de um jarro. *(fala a entrar no segmento 3 - Na roda de oleiro, ao segundo 00:42 do segmento)*

[Áudio_9] (entra em simultâneo com o segmento 4 – Enfornar_Viana do Alentejo e a atenção centra-se no ecrã)

Depois de secarem alguns dias, as peças de barro têm de ser cozidas num forno, para ficarem rijas e resistentes. Esse também é um trabalho importante do oleiro, que precisa de ter muito cuidado para que nada se parta.

[Áudio_10] (entra o segmento 5 – Forno a lenha (Forneca) _Viana do Alentejo e a atenção centra-se no ecrã)

No tempo dos romanos e até há poucos anos, estes fornos trabalhavam a lenha. Como nas lareiras das nossas casas, queimavam madeira para fazer muito calor. Era o calor desse fogo que cozia as peças de barro.

[Áudio_11] (entra o segmento 7 – Forno em fase final de cozedura e a atenção centra-se no ecrã)

- Depois de algumas horas, quando o oleiro percebia que as peças estavam cozidas, apagava o fogo e deixava arrefecer um dia ou mais, pois ficava tudo muito quente. Só depois podia tirar as peças do forno, outra vez com muito cuidado para nada partir.

[Áudio_12] (entra em simultâneo com o segmento 8 – Segmento final com peças acabadas)

- E pronto! Hoje já se usam outras máquinas, a maior parte dos fornos trabalha a gás ou a electricidade, e usamos muito pouca loiça de barro. É quase tudo de plástico, de vidro ou de metal!

Mas, agora que já sabem como, durante muitos, muitos anos, os oleiros faziam as peças de barro, podem partir à descoberta da exposição.

[Áudio_13]

Espero que se divirtam tanto como eu.

Beijos da Ritinha

Tabelas de Processamento dos ficheiros

1 – Processamento das componentes do audiovisual (de acordo com a versão de emulação)

Componente Vídeo		Componente áudio	
Fase de trabalho do barro	Segmento vídeo	Segmento áudio	Tempo de entrada (sobre o segmento)
		Áudio_1	
		Áudio_2	
		Áudio_3	
		Áudio_4	
1 - Extracção do barro	1 – Extracção do barro	Áudio_5	00:00
2 - Tratamento do barro	2 – Tratamento do barro_a1	Áudio_6	00:02
	2 – Tratamento do barro_b1		
	2 – Tratamento do barro_c1	Áudio_7	00:00
3 – Trabalho na roda do oleiro	3 - Na roda de oleiro	Áudio_8	00:00
4 – Enfornar	4 – Enfornar_Viana do Alentejo	Áudio_9	00:00
5 – Cozedura em forno a lenha	5 – Forno a lenha (Forneca)_Viana do Alentejo	Áudio_10	00:00
	6 – Lenha a arder		
	7 – Forno em fase final de cozedura	Áudio_10	
6 – Peças de barro	8 – Segmento final com peças acabadas	Áudio_12	00:00
		Áudio_13	

Ficha Técnica

Exposição

Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo

Ficha Técnica

Coordenação

Ecomuseu Municipal do Seixal – Serviço de Arqueologia

Seleção de Imagens e Conteúdos

Ecomuseu Municipal do Seixal – Serviço de Arqueologia, com a colaboração de João Almeida

Elaboração de guião

Ecomuseu Municipal do Seixal – Serviço de Arqueologia, com a colaboração de Luís Banha

Edição Vídeo

Luís Banha

Representação/ Personagem?????

Fontes audiovisuais – Arquivo da RTP

Programa / Título: *As profissões – II – Oleiro*, **Realização e argumento:** José Asseiceiro

Data: 1986, **Local:** Mafra

Título: *Cerâmica*, **Direção:** Fialho Oliveira, **Data:** 1960, **Local:** Lisboa

Programa / Título: Programa Presença do Passado – Olaria de Viana do Alentejo, **Data:** 1973, **Local:** Viana do Alentejo

Montagem e Conceptualização gráfica

FCosta Oficina de Museus

Notas

- sobre o processamento das componentes do audiovisual (de acordo com a versão de teste)
- a emulação apresentada serve meramente para propósitos demonstrativos e exemplificativos; com a sua elaboração pretende-se demonstrar, com base nos documentos

audiovisuais fornecidos, a base conceptual que se pretende para o resultado final, não patenteando, como tal, qualquer carácter vinculativo.

- áudio sobre os segmentos de vídeo:

- a divisão do guião em segmentos áudio (presentes no guião em cor azul) foi elaborado no âmbito da elaboração e montagem da versão de emulação. Como tal, o seu princípio operativo cinge-se somente a esta componente do trabalho.

- o ficheiro de áudio correspondente ao segmento de vídeo entra ao segundo indicado na célula correspondente;

- no caso do áudio corresponder a dois segmentos de vídeo, o primeiro iniciar-se-á no segundo indicado sobre o primeiro dos dois segmentos, prolongando-se sobre o segundo

- não existe uma equivalência de correspondência entre as durações dos ficheiros de áudio e dos ficheiros vídeo. Como se pode verificar no ficheiro de emulação, existem lacunas de som resultantes da maior duração dos vídeos em relação ao áudio;

Exposição Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo

Errata
Guião Geral
Audiovisual

Ficheiro correspondente a esta errata: filmeolaria01_som(1)

Separadores

Onde se lê	Deve ler-se
Extracção da matéria-prima	Extracção do barro
Preparação do barro para o trabalho na roda	Preparação do barro
O trabalho na roda de oleiro	Na roda do oleiro
Enfornar	Preparação das peças para a cozedura
Preparação das peças para a cozedura	Enfornar

Legendas

Onde se lê	Deve ler-se
Recuperação das propriedades plásticas da argila / Lisboa	Recuperação das propriedades plásticas do barro Lisboa
Depuração da argila / Lisboa	Depuração do barro Lisboa
Elaboração do “Pêlo” de barro / Olaria Manuel dos Santos Araújo Mafra	Elaboração do “pêlo” de barro Olaria Manuel dos Santos Araújo Mafra
Preparação das peças para a cozedura Olaria Manuel dos Santos Araújo Mafra	Preparação das peças para a cozedura Olaria Manuel dos Santos Araújo / Mafra
Enfornar / “Olaria do Convento” / Viana do Alentejo	Enfornar Olaria Manuel dos Santos Araújo Mafra
Enfornar / Olaria Manuel dos Santos Araújo/ Mafra	Enfornar “Olaria do Convento” Viana do Alentejo
Cozedura em forno a lenha / Olaria Manuel dos Santos Araújo Mafra	Cozedura em forno a lenha Olaria Manuel dos Santos Araújo Mafra
Cozedura em forno a lenha / “Olaria do Convento” Viana do Alentejo	Cozedura em forno a lenha “Olaria do Convento” Viana do Alentejo

Áudio

- deverá entrar aos 00:01:26, e não aos 00:01:24 (para só arrancar depois do separador)

Sugestões

- Substituição da faixa áudio por faixa mais sugestiva;
- Aplicação da estrutura multimédia preparada anteriormente para as molduras digitais
 - Aplicação do mesmo fundo e estrutura dinâmica de aplicações relativas às transições;
 - Legendas assentes sobre faixa de fundo semi-transparente, semelhante às fixas cruzadas (desta forma elimina-se o provável conflito de codecs que levam as letras da legenda da fase do trabalho na roda a piscar);
- Fazer o *fade* ao ficheiro de som que foi enviado, de forma a não se notar a música de fundo de origem;
- Os separadores referentes às fases da cadeia operatória do trabalho do barro deverão estar identificado como tal.
 - Tratando-se de uma sequência, esta poderá identificar-se através de um menu a surgir no canto esquerdo da tela.
 - Este menu estaria escondido durante a apresentação das imagens e apareceria quando os separadores surgissem no ecrã;

- Nele estaria elencadas as fases da cadeia operatória do trabalho do barro em sentido descendente, e a fase a ser demonstrada estaria iluminada. À medida que as fases forem sendo mostradas, o indicador luminoso seguiria a ordem predefinida. Desta forma não se perderia a noção de encadeamento, na qual cada uma das fases de trabalho estão inseridas;
- No *logo*, inserir-se a palavra “Expo” no canto superior direito, em paralelo com a cauda do rouxinol;
- Hipótese do *logo* ter duas faces e rodar no sentido oposto ao do sentido dos ponteiros do relógio; numa das faces mostra-se o logo já presente e na outra um QTR estilizado, em formado de Degrau D descendente;

Anexo IV

O Programa de Iniciativas associado à exposição

**Programa de iniciativas no âmbito da exposição temporária
QUINTA DO ROUXINOL. UMA OLARIA ROMANA NO ESTUÁRIO DO TEJO
[CORROIOS / SEIXAL], em exibição no Museu Nacional de Arqueologia
ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL | MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA**

1. INICIATIVAS PARA PÚBLICO ESCOLAR, ATL E OUTROS GRUPOS ORGANIZADOS

► **Visitas temáticas OLARIA ROMANA DA QUINTA DO ROUXINOL**

Exploração lúdica e didáctica da exposição, a partir da utilização de fichas de apoio centradas nos conteúdos em exibição.

local: Museu Nacional de Arqueologia

datas e horários: às 3^{as} feiras, de 24 de Março a 24 de Novembro de 2009, em diversos horários

duração: 1h30

destinatários: turmas dos Ensinos Básico e Secundário; ATL e outros grupos organizados do concelho do Seixal

inscrições/informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Educativo – Tel: 21 0976 112 (às 2as feiras); e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

preço: gratuito

► **Ateliês HÁ QUE ARRUMAR A LOIÇA E CARREGAR O NAVIO**

Como era a loiça no tempo dos romanos? E para que serviam as ânforas?

A brincar descobrem-se as respostas e depois vamos arrumar tudo no seu devido lugar.

local: Museu Nacional de Arqueologia

datas e horários: marcações com duas semanas de antecedência

duração: 1h00

destinatários: Jardim-de-infância (Nº mínimo de participantes: 10; Nº máximo de participantes: 20)

inscrições/informações: Museu Nacional de Arqueologia/Sector Educativo e de Extensão Cultural (Alexandra Marques) - Tel: 21 362 00 00; Fax: 21 362 00 16; e-mail:

mnarq.escolas@imc-ip.pt

preço: 3€ por participante/Isenção para os docentes que acompanham os alunos e desconto de 50% para os alunos beneficiários de ASE, devidamente comprovado.

► **Ateliês TODOS SOMOS OLEIROS – SABEMOS O QUE MOLDAMOS**

O barro assume muitas formas, mas todas têm uma função. Gizar no barro as formas que o oleiro moldou, descobrir para que serviam e como se designam no mundo da arqueologia.

local: Museu Nacional de Arqueologia

datas e horários: marcações com duas semanas de antecedência

destinatários: turmas do 1º e 2º ciclos do Ensino Básico (Nº mínimo de participantes: 10; Nº máximo de participantes: 18)

duração: 1h15

inscrições/informações: Museu Nacional de Arqueologia/Sector Educativo e de Extensão Cultural (Alexandra Marques) - Tel: 21 362 00 00; Fax: 21 362 00 16; e-mail:

mnarq.escolas@imc-ip.pt

preço: 3€ por participante/Isenção para os docentes que acompanham os alunos e desconto de 50% para os alunos beneficiários de ASE, devidamente comprovado.

► **Ateliês DA TERRA À VITRINE**

Desde o achar ao expor: o que temos que fazer? Vamos ser arqueólogos e executar os procedimentos: há que achar, desenhar, inventariar, conservar e comunicar.

local: Museu Nacional de Arqueologia

datas e horários: marcações com duas semanas de antecedência

destinatários: turmas do 3º ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário (Nº mínimo de participantes: 10; Nº máximo de participantes: 18)

duração: 2h00

inscrições/informações: Museu Nacional de Arqueologia/Sector Educativo e de Extensão Cultural (Alexandra Marques) - Tel: 21 362 00 00; Fax: 21 362 00 16; e-mail:

mnarq.escolas@imc-ip.pt

preço: 3€ por participante/Isenção para os docentes que acompanham os alunos e desconto de 50% para os alunos beneficiários de ASE, devidamente comprovado.

► Ateliês COM AS MÃOS NA ARGILA

Ateliês de expressão plástica para produção de objectos em argila que serão cozidos juntamente com reproduções de ânforas e loiça doméstica romana realizadas no âmbito do ateliê de arqueologia experimental a decorrer em complemento ao Seminário Internacional *A Olaria na Época Romana*.

local: a indicar

datas e horários: 2, 3 e 4 de Novembro de 2009 (horários a indicar)

destinatários: público escolar; ATL e outros grupos organizados do concelho do Seixal

inscrições/informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Educativo – Tel: 21 0976 112 (às 2as feiras); e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

preço: gratuito

► Visitas temáticas NOS BASTIDORES DA EXPOSIÇÃO

Partilha de histórias e testemunhos entre profissionais envolvidos na preparação da exposição: arqueólogo, museólogo, conservador - restaurador, arquitecto, designer... e alunos de Arqueologia, Museologia, Conservação e Restauro, Design, etc, no âmbito da visita à exposição, incluindo visitas ao laboratório e às reservas do MNA.

local: Museu Nacional de Arqueologia

datas e horários: a combinar

destinatários: turmas do Ensino Superior

inscrições/informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Educativo – Tel: 21 0976 112 (às 2as feiras); e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

preço: gratuito

2. INICIATIVAS PARA PÚBLICO JUVENIL E ADULTO/FAMÍLIAS

► Visita temática À RODA DO OLEIRO – VIANA DO ALENTEJO

Visita a realizar no âmbito da exposição, dando a conhecer as olarias tradicionais de Viana do Alentejo, os oleiros em actividade e outros elementos patrimoniais da vila.

data e horário: 5 de Abril, das 8h00 às 19h00 (Partida: Núcleo da Mundet – Praça 1º de Maio, Seixal)

destinatários: público juvenil e adulto/famílias

inscrições/informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Educativo – Tel: 21 0976 112 (às 2as feiras); e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

preço: a indicar (relativo a almoço e prova de doces)

► Visita temática À RODA DO OLEIRO – MAFRA

Visita a realizar no âmbito da exposição, dando a conhecer as olarias tradicionais do Sobreiro, Mafra, e os oleiros em actividade.

data e horário: 18 de Abril, das 8h30 às 18h00 (Partida: Núcleo da Mundet – Praça 1º de Maio, Seixal. Paragem em Lisboa/MNA às 9h00)

destinatários: público juvenil e adulto/famílias

inscrições/informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Educativo – Tel: 21 0976 112 (às 2as feiras); e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

preço: a indicar (relativo a almoço)

► **NOITE DOS MUSEUS**

Visitas guiadas à exposição

local: Museu Nacional de Arqueologia

data: 16 de Maio

inscrições/informações: Museu Nacional de Arqueologia/Sector Educativo e de Extensão Cultural (Alexandra Marques) - Tel: 21 362 00 00; Fax: 21 362 00 16; e-mail:

mnarq.escolas@imc-ip.pt

► Visita temática **ITINERÁRIO ROMANO – PENÍNSULA DE SETÚBAL**

Visita a realizar no âmbito da exposição, dando a conhecer alguns dos principais testemunhos patrimoniais da época romana na Península de Setúbal, incluindo os resultantes de trabalhos arqueológicos recentes em Tróia.

data e horário: 21 de Junho (horário a indicar)

destinatários: público juvenil e adulto/famílias

inscrições/informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Educativo – Tel: 21 0976 112 (às 2as feiras); e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

preço: a indicar (relativo a almoço)

► Visita temática **ITINERÁRIO ROMANO – LISBOA**

Visita a realizar no âmbito da exposição, dando a conhecer alguns dos principais testemunhos patrimoniais da época romana em Lisboa, como o Castelo de S. Jorge, o claustro da Sé, o Teatro Romano e o núcleo arqueológico da Rua dos Correiros.

data e horário: 11 de Julho (horário a indicar)

destinatários: público juvenil e adulto/famílias

inscrições/informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Educativo – Tel: 21 0976 112 (às 2as feiras); e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

preço: a indicar

► Visitas temáticas **À RODA DE ESTEIROS, SALGAS DE PEIXE E OLARIAS**

[a confirmar]

Visitas a realizar no âmbito da exposição, incluindo um passeio no Tejo, entre Lisboa e Corroios, a bordo do bote de fragata *Baía do Seixal*.

datas e horários: Julho, Agosto e Setembro, em diversos horários

destinatários: público juvenil e adulto/famílias

inscrições/informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Educativo – Tel: 21 0976 112 (às 2as feiras); e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

preço: gratuito

► Visita temática **ITINERÁRIO ROMANO – MÉRIDA**

Visita a realizar no âmbito da exposição, dando a conhecer os principais testemunhos patrimoniais da época romana na antiga capital da Lusitânia - Mérida (Espanha)

data e horário: a indicar (Setembro/Outubro de 2009)

destinatários: público juvenil e adulto/famílias

inscrições/informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Educativo – Tel: 21 0976 112 (às 2as feiras); e-mail: ecomuseu.se@cm-seixal.pt

preço: a indicar

► Seminário Internacional **A OLARIA NA ÉPOCA ROMANA**

Com esta iniciativa, complementada com a realização de um Ateliê de Arqueologia Experimental, pretende-se discutir aspectos relacionados com a olaria romana, atendendo à respectiva cadeia operatória (organização espacial e funcional), à tecnologia de cozedura (fornos) e às produções cerâmicas (mais no plano tecnológico que formal).

programa: a definir

local: a indicar

datas: 4 a 8 de Novembro (programa/horários a indicar)

destinatários: profissionais ligados às temáticas da Arqueologia e da Museologia e Património

informações: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço de Arqueologia – Tel: 21 0976 133; e-mail: ecomuseu@cm-seixal.pt

inscrições: Ecomuseu Municipal do Seixal/Serviço Administrativo e de Atendimento Público – Tel: 21 0976 112; e-mail: ecomuseu@cm-seixal.pt

preço: a indicar

Anexo V

As fichas de apoio das visitas temáticas "Olaria romana da Quinta do Rouxinol"



ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL
CÂMARA MUNICIPAL

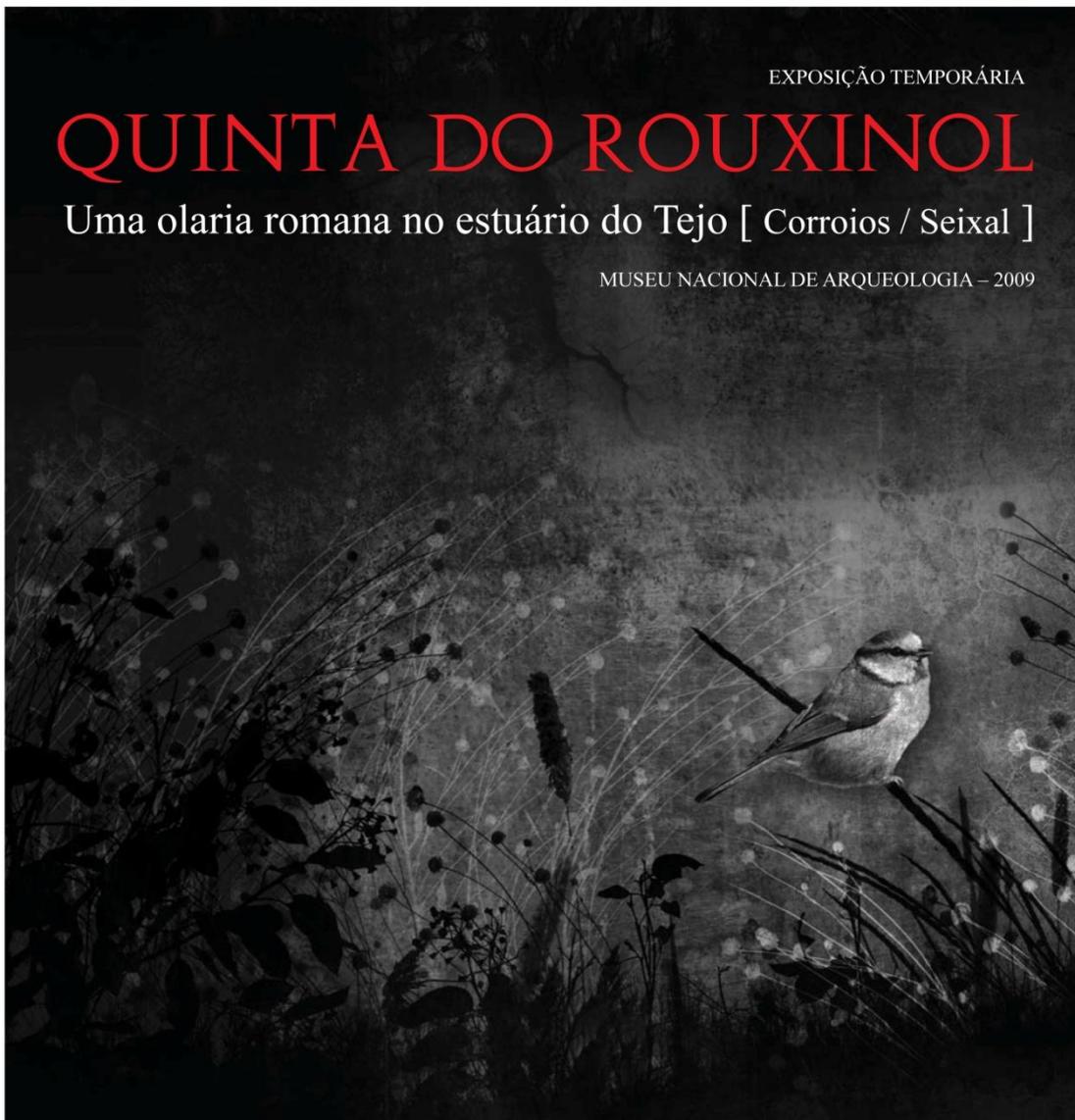
© Ecomuseu Municipal do Seixal, 2009

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

QUINTA DO ROUXINOL

Uma olaria romana no estuário do Tejo [Corroios / Seixal]

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA – 2009



Visita temática: *Olaria romana da Quinta do Rouxinol*

ACTIVIDADE :

A olaria

Na exposição procurem o painel intitulado 03. A OLARIA. Leiam os textos e observem as imagens e o audiovisual (carreguem no botão para conhecer a Rita!) para responderem às seguintes questões.

Onde se instalavam preferencialmente as olarias artesanais? Assinalem com X as respostas certas.

- Na proximidade de aeroportos
- Na proximidade de barreiros
- Na proximidade de pedreiras
- Na proximidade de vias de comunicação (terrestres, fluviais e marítimas)

Qual é a matéria-prima utilizada pelo oleiro para a produção de cerâmicas? Assinalem com X a resposta certa.

- Gesso
- Barro (argila)
- Areia
- Plasticina

Ordenem as tarefas executadas pelo oleiro para a preparação do barro:

- Transportar o barro para a olaria
- Molhar o barro
- Limpar o barro de raízes, areias e outras sujidades
- Amassar/Pisar o barro
- Retirar o barro da terra

Sigam o exemplo e liguem cada imagem ao sítio correspondente do desenho.

Bancada de oleiro

Oleiro sentado a trabalhar

Assento

Cabeça da Roda

Pano da Roda

Estribo

Oleiro a trabalhar sobre a cabeça da roda

Pé a fazer girar o pano da roda

Observem com atenção e identifiquem com um X quais dos seguintes objectos e ferramentas são utilizados pelo oleiro:



Depois das peças estarem moldadas e secas, por que é que têm de ser cozidas num forno? Assinalem com X a resposta certa.

Para que o barro não mude de cor

Para que as peças mudem de forma

Para que as peças fiquem rijas e resistentes

Para que o calor torne as peças mais macias

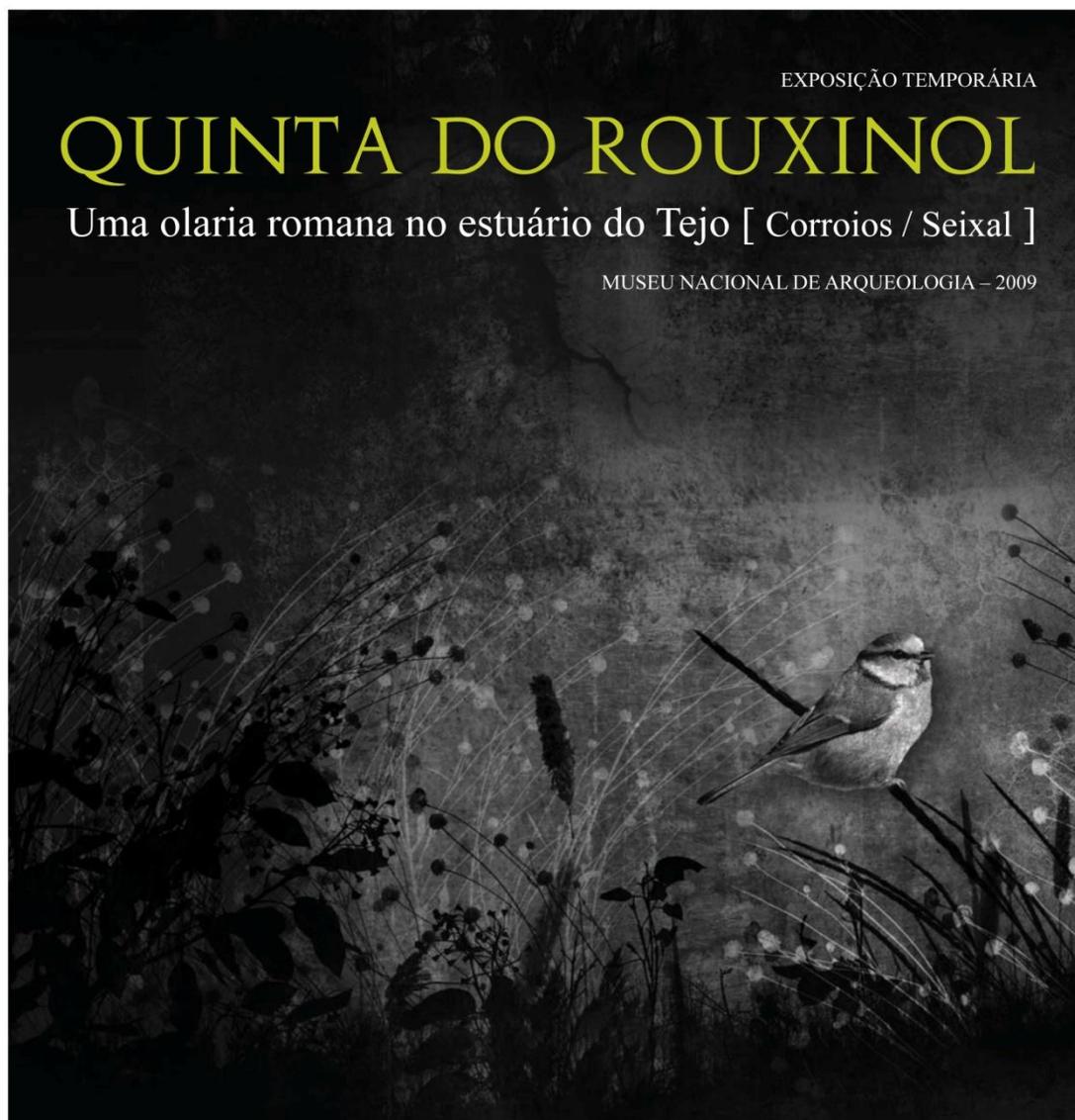
Ficha preenchida por:

Data: __/__/____



ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL
CÂMARA MUNICIPAL

© Ecomuseu Municipal do Seixal, 2009



EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

QUINTA DO ROUXINOL

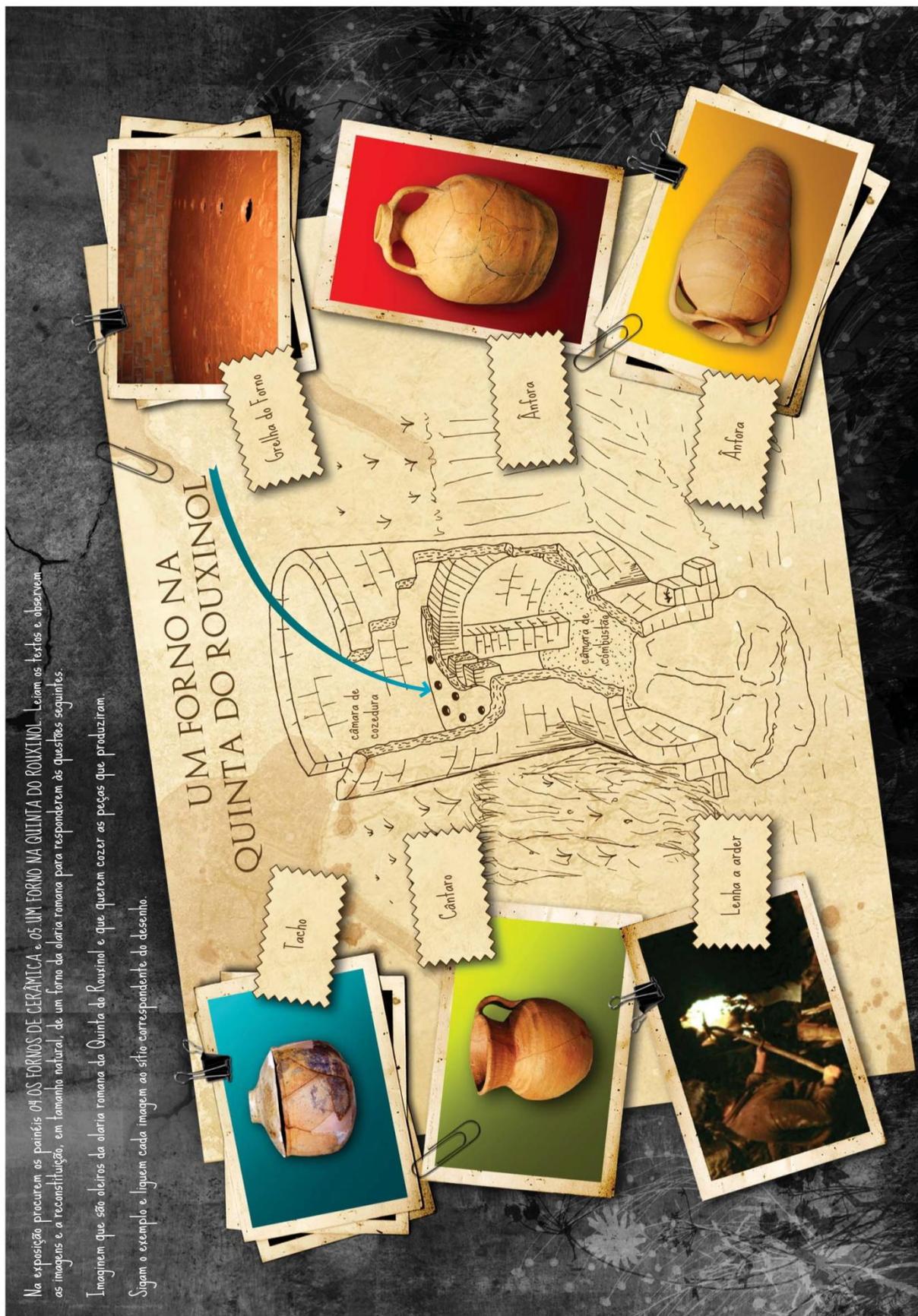
Uma olaria romana no estuário do Tejo [Corroios / Seixal]

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA – 2009

Visita temática: *Olaria romana da Quinta do Rouxinol*

ACTIVIDADE :

*Um forno na
Quinta do Rouxinol*



Ordenem as tarefas que teriam de executar para cozer as peças neste forno.

Fechar a câmara de cozedura com fragmentos de cerâmica, palha, argila e areia

Pôr a lenha a arder na fornalha

Encher de peças a câmara de cozedura

Abrir controladamente o forno para retirar as peças cozidas

O forno é fechado depois de todas as peças estarem lá dentro. Por que é que isto acontece?
Entre as hipóteses seguintes, assinalem com um X aquelas que são verdadeiras.

Para as peças não fugirem

Para manter a temperatura no interior do forno

Para que as peças cozam todas da mesma maneira

Para que as peças tenham todas o mesmo tamanho

Ficha preenchida por:

.....

.....

Data: __/__/____

.....

.....

.....

.....

ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL
CÂMARA MUNICIPAL

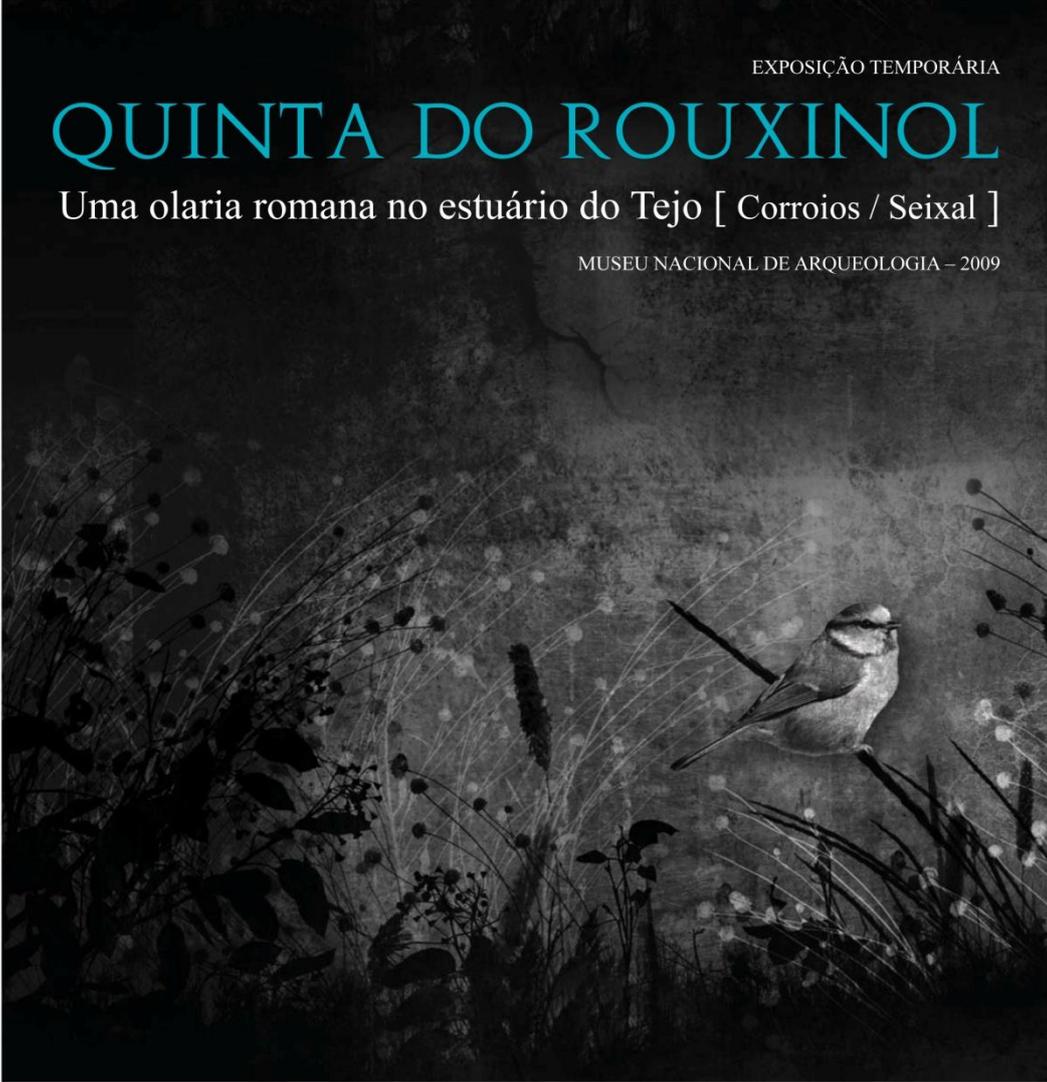
© Ecomuseu Municipal do Seixal, 2009

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

QUINTA DO ROUXINOL

Uma olaria romana no estuário do Tejo [Corroios / Seixal]

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA – 2009



Visita temática: *Olaria romana da Quinta do Rouxinol*

ACTIVIDADE :

*A investigação na
Quinta do Rouxinol*

Na exposição procurem no painel 06. A INVESTIGAÇÃO NA QUINTA DO ROUXINOL a informação de que precisam para poderem responder às seguintes questões:

Quando é que se realizaram escavações arqueológicas na Quinta do Rouxinol?

Entre 1986 e 1991

Entre 1243 e 1321

Entre 2001 e 2003

O que é que os arqueólogos encontraram no subsolo da Quinta do Rouxinol? Assinalem com X as respostas certas

Dois fornos de cozer cerâmica

Casas de habitação

Um cemitério

Três fornos de cozer cerâmica

Fossas de despejo de materiais partidos ou defeituosos

Procurem estas duas imagens nos cinco ecrãs da exposição e liguem-nas com uma seta aos dois ecrãs que as exibem.



Leiam os textos que estão por cima dos dois ecrãs que escolheram para responderem às seguintes perguntas:

Quantas arcadas tinham esses fornos? Assinalem com um X

1 2 3

Em qual destes fornos existe um pequeno pilarete de suporte de arcada?
Assinalem com X a resposta certa.

Forno 1 Forno 2

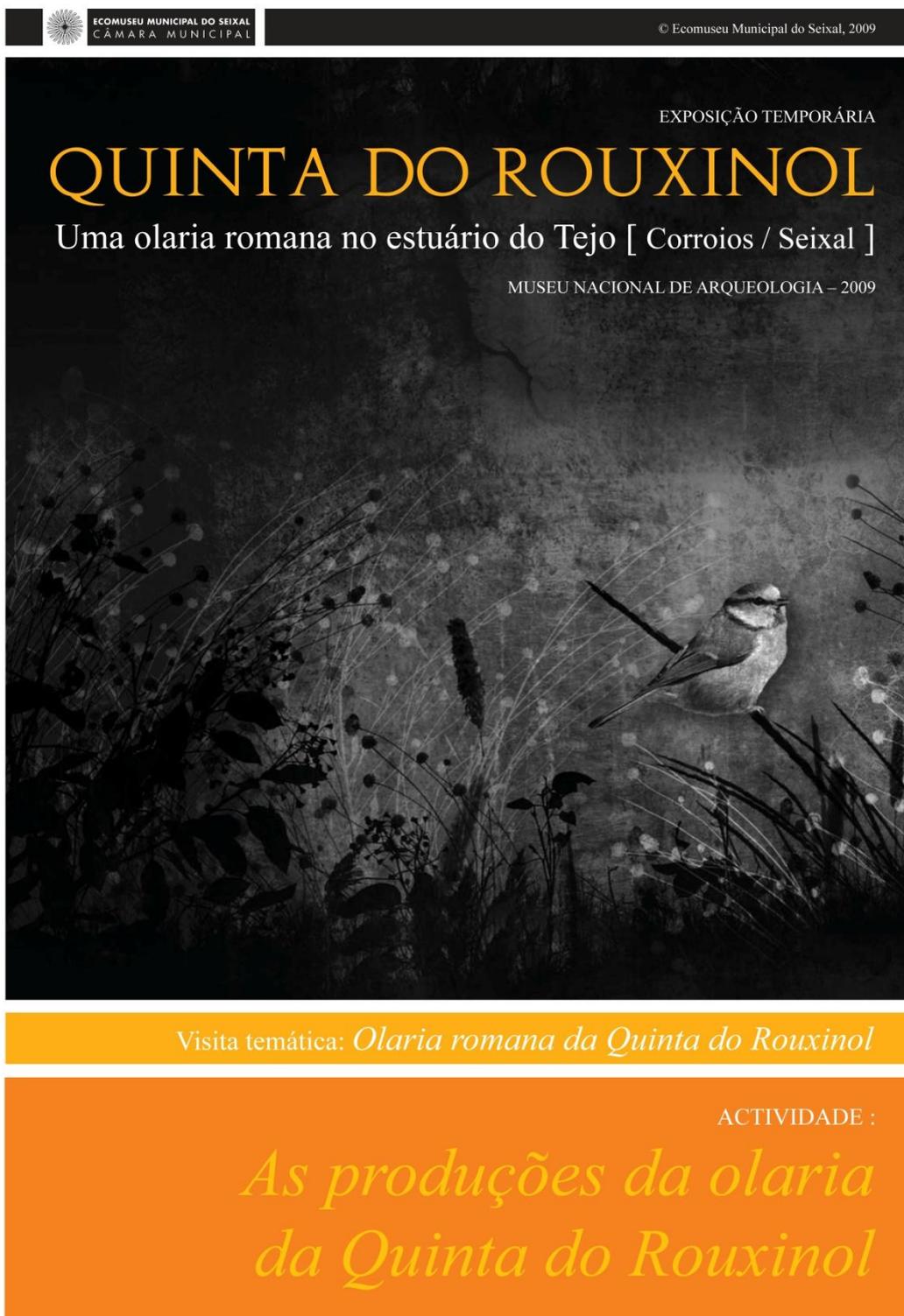
Atenção: leiam com cuidado as legendas das imagens que vão aparecendo no 5º ecrã.
Identifiquem com um X quais das seguintes peças foram encontradas na fossa de despejo.



Ficha preenchida por: _____

Data: ___/___/___

_____	_____
_____	_____
_____	_____



Procurem no painel intitulado 07: AS PRODUÇÕES DA OLARIA DA QUINTA DO ROUXINOL a informação de que precisam para responderem às seguintes perguntas:

Que tipo de peças de cerâmica eram produzidas na olaria da Quinta do Rouxinol?
Assinalem com X as respostas certas.

Ânforas

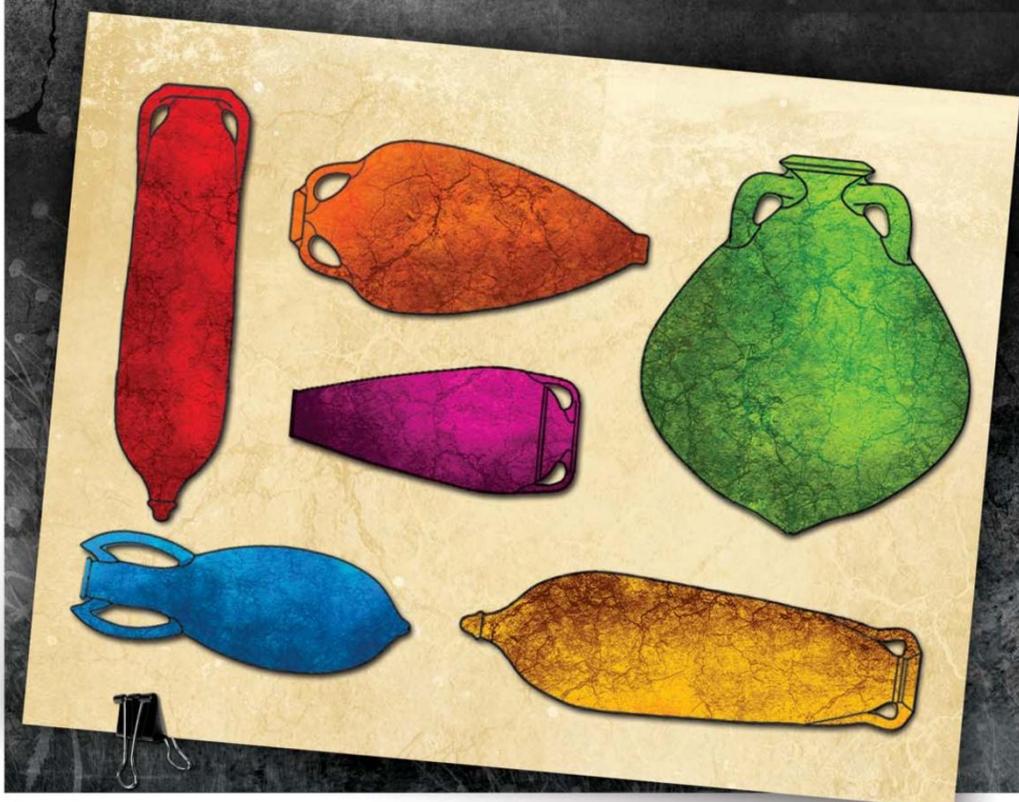
Estátuas de barro

Lucernas

Instrumentos musicais

Loiça de uso doméstico

Observem com atenção o formato das quatro réplicas de ânforas expostas.
Descubram-nas nesta imagem e assinalem-nas com um círculo.



Dêem quatro exemplos de produtos transportados em ânforas romanas:

Four blank, scalloped-edged rectangular boxes for writing answers.

Como já repararam, as ânforas romanas tinham diferentes formas. Por que seria?

- porque se adaptavam à enorme variedade de conteúdos
- porque era moda
- porque variavam conforme as tradições oleiras de cada centro produtor
- porque facilitavam o seu transporte a bordo das embarcações
- porque os oleiros se inspiravam em formas do corpo humano

Observem as peças de loiça doméstica expostas. Nestas fotografias algumas delas estão partidas. Liguem os dois pedaços de cada peça ao respectivo nome.



Na Quinta do Rouxinol também foram fabricadas lucernas. O que é uma lucerna?

- um utensílio de iluminação
- uma arma
- uma cana de pesca

Na exposição procurem a caixa com o número do vosso grupo. Sigam os passos indicados no protocolo para ficarem a saber como funcionavam as lucernas



Depois de terem visto este núcleo da exposição, legendem as seguintes imagens:



Ficha preenchida por:

Data: ___/___/___

_____	_____
_____	_____
_____	_____

ECOMUSEU MUNICIPAL DO SEIXAL
CÂMARA MUNICIPAL

© Ecomuseu Municipal do Seixal, 2009

EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

QUINTA DO ROUXINOL

Uma olaria romana no estuário do Tejo [Corroios / Seixal]

MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA – 2009



PROTOCOLO

Materiais disponíveis: 1 lucerna, funil, mecha e azeite.

- 1 - Peguem na lucerna e com a ajuda do funil, encham-na com o azeite, usando o orifício do meio e tendo o cuidado de não entornar;
- 2 - Introduzam com cuidado a mecha no orifício junto ao bico;
- 3 - Como estamos num museu, não é possível fazer lume. Se fossem romanos e acendessem a mecha podiam dizer FIAT LUX!!!!!!

Visita temática: *Olaria romana da Quinta do Rouxinol*

ACTIVIDADE :

*As produções da olaria da Quinta do Rouxinol
FIAT LUX: como acender uma lucerna*

Anexo VI

Índice do dossiê documental e textos produzidos

Exposição “*Quinta Do Rouxinol: Uma Olaria Romana no Estuário do Tejo (Corroios/Seixal)*”
Dossiê Documental

Índice Geral



Dossiê Documental

Volume I

1. Guião da exposição
2. Textos finais e tabelas
3. Projecto Museográfico
 - 3 A) Planta
 - 3 B) Alçados
4. Guiões dos audiovisuais
5. Edições
 - 5 A) Cartaz
 - 5 B) Convite
 - 5 C) Anúncio
 - 5 D) Brochura
 - 5 E) Folheto
 - 5 F) Tela exterior
6. Bibliografia
7. Glossário de Termos de Olaria
8. Textos Complementares
 - 8 A) Freguesia de Corroios, Concelho do Seixal
 - 8 B) A olaria romana: aspectos gerais em contexto português

Exposição “*Quinta Do Rouxinol: Uma Olaria Romana no Estuário do Tejo (Corroios/Seixal)*”
Dossiê Documental



Dossiê Documental

Volume II

- 8 C) A Quinta do Rouxinol e o seu centro oleiro
- 8 D) Outros vestígios romanos no Concelho do Seixal
- 8 E) A olaria tradicional: conceitos e reflexões

Exposição “Quinta Do Rouxinol: Uma Olaria Romana no Estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”

Dossiê Documental

8 C) A Quinta do Rouxinol e o seu centro oleiro

- 8 C1)** ÂNFORA (A) Romana (1998) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. Abril-Junho, p. 8.
- 8 C2)** DUARTE, Ana Luísa C. (1990) – “Quinta do Rouxinol: a produção de ânforas no vale do Tejo”. In ALARCÃO, Adília e MAYET, Françoise (eds.). *Ânforas Lusitanas: tipologia, produção, comércio*. Conímbriga / Paris: Museu Monográfico de Conímbriga / Diff. E. de Boccard, pp. 96-115.
- 8 C3)** DUARTE, Ana Luísa C. e RAPOSO, Jorge M. C. (1996) – “Elementos para a Caracterização das Produções Anfóricas da Quinta do Rouxinol (Corroios/Seixal)”. In FILIPE, Graça e RAPOSO, Jorge M. C. (coords.). *Ocupação Romana na Margem Esquerda dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Câmara Municipal do Seixal, pp. 237-247 (*Nova Enciclopédia*, 53).
- 8 C4)** FILIPE, Graça (1996) – “Olaria Romana da Quinta do Rouxinol: um museu de sítio num parque histórico-natural”. In FILIPE, Graça e RAPOSO, Jorge M. C. (coords.). *Ocupação Romana na Margem Esquerda dos Estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa: Publicações Dom Quixote/Câmara Municipal do Seixal, pp. 397-400 (*Nova Enciclopédia*, 53).
- 8 C5)** LOIÇA (A) Que Veio de África (2000) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. Outubro-Dezembro, p. 9.
- 8 C6)** OCUPAÇÃO Romana na Margem Esquerda do Estuário do Tejo: balanço de actividades; proposta de plano 1991/93 (1991) – Almada: Centro de Arqueologia de Almada (texto policopiado).
- 8 C7)** OLARIA Romana da Quinta do Rouxinol: pedido de classificação como Imóvel de Interesse Público (1991) – Seixal: Câmara Municipal do Seixal (texto policopiado).

Exposição “Quinta Do Rouxinol: Uma Olaria Romana no Estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”

Dossiê Documental

- 8 C8)** PATRIMÓNIO Arqueológico: uma olaria romana na Quinta do Rouxinol (1999) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. Outubro-Dezembro, pp. 4-5.
- 8 C9)** PROJECTO Olaria Romana do Estuário do Tejo (2000) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. Abril-Junho, p. 9.
- 8 C10)** RAPOSO, Jorge M. C. (2001) – “Arqueologia Romana e Medieval: as olarias romanas da margem esquerda do estuário do Tejo e a necrópole medieval/moderna da Quinta de S. Pedro (Seixal)”. In *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal* (Actas do 1º Encontro de Arqueologia e Património da Península de Setúbal – Seixal, Mai/99). Lisboa: Universidade Aberta, pp. 49-77 (*Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*: número especial).
- 8 C11)** RAPOSO, Jorge M. C. (2007) – “Olaria Romana da Quinta do Rouxinol”. *Ecomuseu Informação*. Seixal. 43: 16-19.
- 8 C12)** RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa (1999) – “Duas Taças de Terra Sigillata Africana na Quinta do Rouxinol”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 8: 75-86.
- 8 C13)** RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa C. (1998) – “Recursos naturais e modelos de desenvolvimento económico: o Império Romano”. In BERNARDES, Fernando Miguel (org.). *Literatura Actual de Almada: antologia*. Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 440-453.
- 8 C14)** RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa C. (2000) – “Olaria Romana da Quinta do Rouxinol: investigação arqueológica e valorização patrimonial no concelho do Seixal”. Actas das 1ªs Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul (Barreiro, Jun./99). Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, pp. 126-140.
- 8 C15)** RAPOSO, Jorge M. C.; DUARTE, Ana Luísa C. e SABROSA, A. J. (1992b) – “Anforas Lusitanas: los alfares del Tajo”. *Rivista di Archeologia*. Roma. Ano XVI: 97-107.

Exposição “Quinta Do Rouxinol: Uma Olaria Romana no Estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”

Dossiê Documental

- 8 C8)** PATRIMÓNIO Arqueológico: uma olaria romana na Quinta do Rouxinol (1999) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. Outubro-Dezembro, pp. 4-5.
- 8 C9)** PROJECTO Olaria Romana do Estuário do Tejo (2000) – *Ecomuseu Informação*. Seixal. Abril-Junho, p. 9.
- 8 C10)** RAPOSO, Jorge M. C. (2001) – “Arqueologia Romana e Medieval: as olarias romanas da margem esquerda do estuário do Tejo e a necrópole medieval/moderna da Quinta de S. Pedro (Seixal)”. In *Arqueologia e História Regional da Península de Setúbal* (Actas do 1º Encontro de Arqueologia e Património da Península de Setúbal – Seixal, Mai/99). Lisboa: Universidade Aberta, pp. 49-77 (*Discursos. Língua, Cultura e Sociedade*: número especial).
- 8 C11)** RAPOSO, Jorge M. C. (2007) – “Olaria Romana da Quinta do Rouxinol”. *Ecomuseu Informação*. Seixal. 43: 16-19.
- 8 C12)** RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa (1999) – “Duas Taças de *Terra Sigillata* Africana na Quinta do Rouxinol”. *Al-Madan*. Almada. IIª Série. 8: 75-86.
- 8 C13)** RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa C. (1998) – “Recursos naturais e modelos de desenvolvimento económico: o Império Romano”. In BERNARDES, Fernando Miguel (org.). *Literatura Actual de Almada: antologia*. Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 440-453.
- 8 C14)** RAPOSO, Jorge M. C. e DUARTE, Ana Luísa C. (2000) – “Olaria Romana da Quinta do Rouxinol: investigação arqueológica e valorização patrimonial no concelho do Seixal”. Actas das 1ªs Jornadas Arqueológicas e do Património da Corda Ribeirinha Sul (Barreiro, Jun./99). Barreiro: Câmara Municipal do Barreiro, pp. 126-140.
- 8 C15)** RAPOSO, Jorge M. C.; DUARTE, Ana Luísa C. e SABROSA, A. J. (1992b) – “Anforas Lusitanas: los alfares del Tajo”. *Rivista di Archeologia*. Roma. Ano XVI: 97-107.

Exposição “Quinta Do Rouxinol: Uma Olaria Romana no Estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”

Dossiê Documental

- 8 C16)** RAPOSO, Jorge M. C.; SABROSA, Armando J. G. e DUARTE, Ana Luísa C. (1995) – “Ânforas do Vale do Tejo: as olarias da Quinta do Rouxinol (Seixal) e do Porto dos Cacos (Alcochete)”. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35 (3): 331-352.
- 8 C17)** RAPOSO, Jorge; FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; BUGALHÃO, Jacinta; DUARTE, Ana Luísa; SABROSA, Armando; DIAS, Maria Isabel; PRUDÊNCIO, Maria Isabel e GOUVEIA, Maria Ângela (2005) – “OREST Project: late Roman pottery productions from the Lower Tejo”. In GURT i ESPARRAGUERA, J. M.^a; BUXEDA i GARRIGÓS, J. e CAU ONTIVEROS, M. A., eds. (2005) – *Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry*. Oxford: Archaeopress, pp. 37-54 (*British Archaeological Reports. International Series*, 1340).

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

1. Resenha Histórica da Ollaria

As dúvidas que ainda hoje pendem sobre a verdadeira origem da ollaria estão directamente relacionadas com a ausência de uma história escrita orgânica. Como tal, várias são as hipóteses avançadas pelos estudiosos da matéria: Will Durant ¹, bem como outros arqueólogos, situam a origem da ollaria na actual Shusham (Iraque), um porto da antiga Susa, uma das mais salientes cidades de Elam. Por volta do ano de 4500 a.C. os elamitas terão conquistado o território da antiga Suméria (Mesopotâmia) e para lá terão transposto a suas técnicas de trabalho manual. Neste território, a terra possuía qualidades que a tornavam adequada à aplicação destas técnicas de trabalho manual, o que possibilitou a sua divulgação: uma vez seca, adquiria uma dureza, consistência e solidez muito duradoura e característica, que conferia uma maior durabilidade ao objecto moldado.

As marcas de mãos e dedos analisados através de estudos que tiveram como objecto de investigação peças ou fragmentos de peças, indiciam a utilização do torno (roda de oleiro) nos territórios do Próximo Oriente: seria utilizado na Mesopotâmia desde o período de 3500 a.C., no Egipto desde 2750 a.C. e na Suméria desde 2300 a.C. Segundo Jorge Fernández-Chiti ², o torno terá mesmo surgido nesta região em meados de 3500 a.C. e terá tido dois pontos de difusão: o Oriente-Egipto e a China.

Não obstante estes dois principais pólos difusores, para Alex Brongniart ³, a introdução do torno e da respectiva técnica de trabalho manual em território europeu fez-se já a partir da Grécia. Para consolidar a sua tese,

¹ DURANT, Will (1978) – *História da Civilização*, Lisboa: Livros do Brasil.

² FERNANDEZ-CHITI, Jorge (2004) – *Cultura Arqueológica San Francisco: Cerâmica Indígena Arqueologia*, Buenos Aires: Ediciones Condorhasi.

³ BRONGNIARD, Alex (1844) – *Traité des Artes Céramiques au des Poteries: considérées dans leur Histoire, leur pratique et leur théorie*, California: Bechet. Vol. I.

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

Brongniart avança mesmo com o nome do seu inventor: Tales ou Thalos, escultor ateniense e sobrinho do famoso arquitecto e escultor Dédalo, que viveu por volta do ano 1200 a.C. No século XVIII o torno terá chegado a Itália, a partir de onde se terá difundido por toda a bacia do Danúbio.

As cerâmicas da região de Espanha e do Norte de África denotam também elas as típicas características da utilização do torno. Enquanto que alguns autores defendem uma clara influência árabe na divulgação do torno, outros são acérrimos defensores de uma outra tese que defende a inserção do torno nestes territórios nos séculos VII e VI a.C., sendo propagado a partir das antigas colónias fenícias, gregas e romanas e rapidamente assimilado pelos iberos e demais autóctones. No Norte e Oeste da Europa, as cerâmicas denominadas de *Gales* ou *Celtes* também manifestam a utilização do torno.

A utilização do torno em larga escala em todos estes territórios é uma questão com largos pontos de interrogação. Senão vejamos: as peças de grandes dimensões não eram modeladas no torno, mas sim no tornete, seguindo um processo de rolos. A diferença entre estas duas técnicas é mínima, mas substancial: enquanto que no torno é a peça que gira à frente do ceramista, no tornete é o ceramista que gira à volta da peça.

Não se fique, no entanto, com a ideia de que o torno e a sua técnica penetraram com a mesma facilidade em todos os territórios. Não obstante, é seguro afirmar que, entre 1500 a.C. e 200 d.C., conviveu em harmonia com outras técnicas de trabalho do barro: as antigas peças escandinavas não denotam a utilização do torno, bem à semelhança da cerâmica tipicamente etrusca. As cerâmicas germânicas também não foram elaboradas no torno, embora muito provavelmente tenha sido utilizado um tornete ou um qualquer outro tipo de prato giratório. Nenhuma das peças provenientes das culturas pré-colombianas da América apresenta indícios do torno. As crónicas da época denotam a inexistência de um instrumento como o torno, fruto do nenhum ou pouco interesse que os nativos evidenciavam por este instrumento, no seu relacionamento com os europeus.

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”

- Dossier de apoio -

2. Tipos de argila existentes

Podemos identificar cinco qualidades diferentes de argila, numa diferenciação feita segundo os seguintes padrões: plasticidade, rugosidade, suavidade e cor.

Designação	Características
Argilas Comuns	<p>São o tipo mais comum de argilas.</p> <p>Estas contêm ferro e outros minerais, facto que leva à existência de diversas colorações, como o vermelho, castanho, esverdeado, cinzento ou até mesmo, em casos raros, branco. Em alguns casos, trabalham-se adicionando oxido de manganês.</p> <p>Costumam cozer entre os 950° e os 1110°C e têm a sua porosidade como característica comum.</p> <p>Não são recomendáveis para conter líquidos porque os absorvem na sua totalidade.</p> <p>Este tipo de argila, uma vez cozida, pode mudar de cor consoante o tipo de cozedura, podendo adquirir tonalidades de rosa, creme, acastanhado, vermelho e até mesmo preto.</p>
Faiança	<p>A Faiança é uma argila bastante pujante e é fácil de reconhecer através da sua grossura, leveza e de ter uma cor menos branca que a porcelana.</p> <p>A sua porosidade oscila entre os 6% e os 20%, conforme a composição natural da sua massa.</p> <p>Coze, por sua vez, entre os 1020°C e os 1150°C. Quanto mais elevada é a temperatura mais compacta e densa se torna, reduzindo proporcionalmente o seu grau de porosidade, mas nunca chegando a vidrar-se como a Grés.</p> <p>A aplicação de uma camada de vidrado não resulta.</p> <p>A mais demarcada característica desta argila é que ao ser cozida a baixas temperaturas permite a utilização de uma panóplia de cores mais diversificada na decoração das peças.</p>

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”

- Dossier de apoio -

Grés	<p>É uma argila de massa densa, compacta e vidrada.</p> <p>Só coze a altas temperaturas, nomeadamente entre os 1200°C e os 1500°C.</p> <p>Apresenta um baixo grau de porosidade, entre os 1% e os 3%, característica que a torna impermeável à água e, como tal, ideal para conter líquidos.</p> <p>Não apresenta uma paleta cromática bem definida, podendo variar entre cores claras (rosa e creme) e cores escuras (o esverdeado é a cor natural da grés).</p>
Porcelana	<p>Á composta por feldspato e caulino e apresenta-se bastante compacta e difícil de tornear.</p> <p>Coze entre 1200°C e 1400°C, consoante as proporções presentes na pasta, até ficar vidrada.</p> <p>É bastante apreciada pela sua resistência, brancura, pelo som característico e por ser translúcida.</p>
Argila refractária	<p>Obtém-se adicionando caulino, óxido de alumínio e chamota à argila, obtendo-se desta forma uma matéria-prima bastante porosa.</p> <p>A sua coloração é uma consequência directa das porções dos elementos supracitados na base da argila. Com cerca de 30% de chamota, adquire uma estrutura e solidez tal que a torna quase impossível de trabalhar no torno.</p> <p>Começa a vidrar aos 1300°C e pode fundir aos 1600°C.</p>

3. Instrumentos de trabalho do barro na actualidade

As ferramentas indispensáveis ao trabalho do oleiro podem dividir-se em dois grupos: para tornear e para polir. Algumas podem ser adquiridas nas lojas da especialidade, outros, por sua vez, são fabricadas pelo próprio oleiro.

No primeiro grupo inserem-se todos os utensílios que se utilizam para trabalhar o barro enquanto este ainda está a ser torneado. No segundo grupo

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

inserem-se os utensílios utilizados no acabamento das peças, quando estas estão ainda no início do processo de secagem.

Ferramentas para tornear	
Punção fino e curto	<p>Encontra-se disponível no mercado com diferentes espessuras.</p> <p>Pretende-se que seja fino e sem desníveis bruscos no espaço compreendido entre as duas extremidades.</p> <p>Deve ter cerca de 4 cm de comprimento.</p> <p>Não existe um material específico para a elaboração deste utensílio.</p> <p>Não se deve deixar dentro de água.</p> <p>Deve-se sempre verificar se o fio está correctamente aplicado no aro, uma vez que deve estar bem esticado, ou corremos o risco de danificar a peça, uma vez que a sua função primordial é o cortar a boca das peças.</p>
Punção comprido	<p>Mais grosso e resistente que o anterior, uma vez que se utiliza para rectificar os moldes, motivo esse que justifica o comprimento de vareta, que ronda os 10 cm.</p> <p>O cabo deve também ter a medida correcta, apresentando sempre uma confortável ergonomia, uma vez que é necessário aplicar alguma força.</p> <p>Alguns oleiros utilizam por vezes uma meia tesoura em substituição do punção.</p>
Palheta	<p>É um instrumento de metal com uma espessura de 1 a 2 mm, com um orifício no centro com cerca de 2 cm de diâmetro.</p> <p>Não deve nunca oxidar, pelo que se recomenda ou o cobre ou o aço inoxidável.</p> <p>Os ângulos costumam ser rectos, apesar de existirem algumas variações. Cumpre diversas funções, entre as quais o nivelar e o alisar das peças, bem como esticar o barro no decorrer do trabalho.</p>

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

Compassos	<p>Podem ser em metal ou em madeira. Neste ultimo caso, é preferível que esta não seja muito porosa, evitando desta forma que o utensílio absorva humidade em demasia.</p> <p>Podem graduar-se com alguma facilidade.</p> <p>Conforme a sua posição, em ângulo recto ou curvado, servem para tirar a medida do diâmetro interno ou externo, respectivamente, bem como a altura em ambos os casos.</p>
Fio de corte	<p>É um fio com aproximadamente 30 cm de comprimento, que culmina em ambas as extremidades num pequeno pau.</p> <p>O nylon aparenta ser o material mais prático, uma vez que a dimensão do fio tem que ser directamente proporcional à dimensão da peça.</p>
Utensílios de madeira	<p>Devem-se pautar pela reduzida espessura e grande flexibilidade.</p> <p>A sua ponta deve assemelhar-se à de uma faca porque são utilizados para a remoção das aparas de barro que ficam na base das peças.</p>
Cana	<p>É constituída por um pequeno pedaço de cana-da-índia com cerca de 9 cm.</p> <p>É produzida pelo próprio artesão, através de um corte transversal.</p> <p>Serve para alisar as peças e para fechar os gargalos dos jarros.</p>
Espanjas	<p>As esponjas utilizadas são preferencialmente naturais e com poucos orifícios, apesar de também se poderem utilizar esponjas sintéticas, desde que sejam bastante densas.</p> <p>Utilizam-se para terminar as peças e para retirar o excesso de água no interior das mesmas.</p>

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”

- Dossier de apoio -

Ferramentas para polir	
Pá	<p>É dos mais tradicionais utensílios da olaria, apesar de não se utilizar muito, uma vez que encrava muitas vezes no barro.</p> <p>É necessário encomendá-la a um ferreiro, uma vez que não se encontra à venda nos locais tradicionais.</p> <p>É composta por três partes distintas: a secção cortante é a mais larga e tem entre 9 a 12 cm, a parte central tem 7 a 8 cm e o segmento de maior dimensão mede cerca de 51 cm.</p> <p>É importante que esteja sempre bem afiada.</p>
Teque	<p>É um utensílio preferencialmente de produção própria.</p> <p>É também denominado de gancho porque é elaborado a partir dos ganchos para o cabelo.</p> <p>O gancho deve estar bem fixo ao cabo aquando da sua utilização e não deve mover-se durante o trabalho do barro.</p> <p>Utiliza-se para rectificar as imperfeições do barro aquando do polimento da peça.</p>
Vazador pequeno	<p>É elaborado em metal e para conservar-se nunca deve ser molhado.</p> <p>Utiliza-se no polimento das bases externas das peças pequenas e para pequenas operações em locais de difícil acesso.</p>
Vazador redondo	<p>É utilizado para trabalhar o interior das peças curvas, sendo importante assegurar a ergonomia do cabo.</p>
Palhetas	<p>São preferencialmente finas, flexíveis e sem um contorno dentado.</p> <p>Os aços sueco e alemão parecem ser o material ideal para estas ferramentas.</p>
Pedaços de lata	<p>As latas flexíveis são cortadas em dois ou quatro pedaços para trabalhar em áreas de difícil acesso.</p>

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

1. Olaria tradicional: vestígios da antiguidade

a. O barro: sob a concepção de “artesanato”

Para muitos estudiosos, a noção de História enquanto tal é uma reminiscência do surgimento da consciência no homem. Referimo-nos pois ao ensejo fundador de toda a Ciência: o surgimento da escrita. A escrita pode trazer à luz do presente factos e personagens de outros tempos e de outras conjunturas, dando-nos a veleidade de a interpretar. Se a escrita é, de facto, um acto consciente do Homem enquanto ser pensante, como poderemos abordar o testemunho material sob esta óptica?

A escrita enquanto transubstanciação da ideia não deixa de ser a concretização dela mesma sobre si própria. Não será o mesmo com os vestígios materiais? Ou será um objecto (ou parte dele) um testemunho dado como inconsciente, inato de um conjunto de situações, que conjugadas, adquirem forma através de um saber inculcado?

A olaria e o trabalho do barro desde sempre acompanharam o homem no seu percurso de evolução. Sempre foram feitos à sua medida, à escala das suas necessidades. Desde o período dos caçadores-recolectores até tempos bem recentes, a olaria e o quotidiano social subscreveram matizados elementos das diferentes sociedades que o Homem compôs ao longo dos tempos.

O carácter utilitário das peças em barro é sempre citado pelos estudiosos e curiosos da temática. Esta fase grosseira das peças é dada como a base da fase do vidrado e conseqüente fase decorativa.

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

Esta fase decorativa é o ponto de viragem sobre a percepção do peso do objecto de barro no quotidiano e na sociedade. Como refere Manuel Gandra, nos seus estudos sobre a cerâmica tradicional de Mafra, as olarias que actualmente existem na região *“não representam senão uma diminuta parcela das que laboraram até cerca da década de 1960, produzindo uma enorme variedade de produtos cerâmicos utilitários, decorativos e lúdicos. E mesmo assim a sua sobrevivência, face ao inelutável avanço do alumínio e dos polietilenos, só foi possível porque adoptaram uma lógica empresarial, adaptando a produção quase exclusivamente aos requisitos dos mercados de exportação, os quais propiciam o fabrico em série e são extremamente restritivos no que concerne a certas técnicas e matérias primas tradicionais”*¹.

A organização familiar das olarias pressupunha um rito de passagem de um conjunto de saberes de geração para geração, saberes esses reconhecidos como ofício manual. Actualmente, o fenómeno da diminuição do número de olarias é acompanhado da diminuição de aprendizes e da alteração de condições de manutenção relacionadas com um mercado substancialmente diferente, onde as leis da Oferta e da Procura se adoptaram às novas necessidades dos quotidianos das sociedades.

A sociedade reclama novas funções mais apelativas para as camadas jovens. A cidade exerce atractivos e os núcleos urbanos crescem exponencialmente. O regime familiar entra em desuso sob o signo de novos modelos de família, enquanto os papéis activos na sociedade multiplicam-se e diversificam-se.

Estes factores interligam-se sob uma conjuntura de desaparecimento de uma tradição fortemente enraizada na nossa

¹ GANDRA, Manuel J. (1999) – *A Cerâmica Tradicional de Mafra*. Ericeira: Mar das Letras, p. 13.

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

identidade cultural. A noção de artesanato, consagrada às práticas e ao seu resultado material, visa pôr em relevo esta problemática, os seus actores e os seus palcos.

Outros materiais já ocuparam as funções e as formas que as peças em barro desempenhavam em tempo. Hoje as peças de barro são vistas como item decorativo, reminiscente. Todo um saber de gerações, uma verdadeira transubstanciação do subjectivo imaterial para o objecto material é consignada sobre a designação de artesanato.

A vertente empresarial aparenta ser uma espada de dois gumes: se por um lado potencia a produção, por outro lado restringe a capacidade criativa, ao impor a produção por moldes e outros processos semelhantes.

Mais recentemente surgiu a chamada “*loiça de autoria*”. Esta nova face da olaria é fruto de alguma formação leccionada em instituições. Procura-se instituir novos valores sobre o tradicional, novas formas de valorização de um compromisso entre o passado e o presente, como forma de projectar o futuro.

b. O trabalho do barro em Portugal: alguns centros oleiros

A olaria e o trabalho do barro, as suas formas e os seus trajectos são bastante comuns em Portugal. As olarias apresentam estruturas patriarcais, onde o ofício de oleiro é passado de pai para filho. Esta pequena economia doméstica, familiar, é alterada quando a procura das peças o exige, levando o oleiro a contratar mão-de-obra à jorna. O processo de processamento do barro e sua consequente modelagem

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

às formas tradicionais aparenta ser bastante comum: ia-se ao local de extracção de barro para adquirir a matéria-prima, esta era transportada para a olaria onde o barro era limpo e preparado para ser trabalhado na roda. Depois da peça moldada, esta era cozida.

A prática de olaria na quase desconhecida Malhada Sorda, município de Barcelos, não foge à excepção, com a sua produção de loiça doméstica. Pelo ano de 1984 a olaria era parte fundamental de uma economia familiar onde não aparenta haver distinção entre sexos. A sua produção é caracterizada como “*louça ordinária de barro, de cor amarela e não vidrada*”². São identificadas cerca de 20 oficinas a laborar no ano de 1905.

A ida ao local de extracção de barro era fulcral para a obtenção de matéria-prima. O barro, depois de extraído, era transportado para a olaria em cestos.

Os trabalhos a desenvolver no espaço da olaria encontravam-se bem divididos por sexo: as mulheres trabalhavam na roda e os homens no torno; as mulheres enchiam a fornada com as peças e os homens tratavam da cozedura (processo que dura quatro a cinco horas) e do desenformar.

Rocha Peixoto dá-nos uma perspectiva sobre as olarias de Prado. Por loiça de Prado entende-se “*o vasilhame popular fabricado nos trez concelhos de Barcelos, Braga e Villa Verde. É uma cerâmica rustica de tom alaranjado-tostado, passando ao vermelho, vitificação interna, externamente ou em parte com o emprego da galena e á qual juntam algumas veses uma diminuta quantidade de oxydo de cobre ou de*

² PEREIRA, Benjamim Enes (1984) – *Olaria em Malhada Sorda*. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos, p. 15.

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

ferro”³. Era produzida essencialmente loiça para uso doméstica, bastante apreciada pelas populações locais.

O barro para as cerâmicas rústicas era extraído nas imediações do concelho de Vila Verde. Para as cerâmicas decoradas, o barro já era extraído mais perto de Barcelos, onde a caracterização da pasta aparenta ter melhores condições para o efeito. Estas duas pastas, com composições diferentes, são um excelente exemplo da conjuntura que se verifica no Norte de Portugal, em termos de pastas cerâmicas: tendo em conta a abundância e diversidade de argilas, esta levou à multiplicação de centros de produção cerâmica na região, por vezes com pastas diferentes numa mesma zona.

O processo de cozedura é antecedido de uma colocação correcta das peças no forno. Produziram-se três tipos de cerâmica: vitrificada e decorada, fosca e monocromática e negra e luzente.

Algumas formas que estas cerâmicas apresentam são de inspiração bastante diversa: o moringue terá sido uma importação da Índia e das Américas, o alguidar, a aljofaina e a almatolia dos árabes, a gregos e a romanos outras tantas formas. A sua decoração assenta no ornamento geométrico, com combinações simples e complexas de formas e feitios vários. A decoração é feita através de pressão, por incisão ou até mesmo pintada sobre a superfície do objecto.

Rocha Peixoto faz ainda alguns comentários de relevo sobre outras práticas, e que aqui vale a pena citar: “*em algumas das nossas olarias rústicas actuaes ainda se observa o preparo grosseiro das pastas onde frequentemente os grãos de quartzo mesclam o barro. A mica distribue-se pela pasta luzente em certas loiças negras transmontanas e do distrito de Aveiro; na vermelha de Guimarães applica-se na decoração em relevo como ornamento, semelhante a processos*

³ PEIXOTO, Rocha (1966). – *As Olarias do Prado*. Barcelos: s.e., p. 17.

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

análogos de épocas pré e proto-históricas. Os oleiros actuaes das proximidades de Nisa introduzem na pasta fragmentos angulares de quartzo branco, precisamente como os antigos homens de Liceia juntavam ao barro os fragmentos de spatho que davam á sua loiça negra o aspecto das rochas porphyroides” ⁴.

A olaria no concelho de Guimarães encontra as suas primeiras referências nas Inquirições de D. Afonso II. Martins Sarmento foi quem mais se dedicou ao estudo e identificação das práticas oleiras na cidade berço de Portugal.

O núcleo duro de olarias instalou-se fora dos muros da antiga vila de Guimarães, tendo-se expandido a partir dele. Está identificado o trabalho da roda, com os já costumeiros auxiliares (o fio de corte, o trapo húmido, a cana da Índia). O forno é construído com pedra de alvenaria, com interior composto por tijolos, e fechado com loiça já cozida e partida.

Das produções dos “oleiros vimaranenses, como a bilha para a água, os cântaros e potes para assar castanhas, uma peça há que se destaca e que representa hoje todo o passado da tradição oleira deste concelho: a cantarinha das prendas ou dos namorados” ⁵. Este cântaro era um símbolo do comprometimento entre um jovem casal, onde, depois do consentimento dos pais, guardavam as prendas do futuro casamento.

Em Mafra, as referências mais antigas do trabalho do barro remetem-nos para as épocas da Pré e Proto-História. O primeiro foral da Vila de Mafra (1189) e a leitura do Foral Novo (1513), concedido por D. Manuel, também apresentam referências ao trabalho do barro,

⁴ PEIXOTO, Rocha (1966) – *As Olarias do Prado*. Barcelos: s.e., p. 15.

⁵ *V Festa Ibérica da Olaria e do Barro: comunicações* (2001) – Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, p. 16.

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

nomeadamente à isenção do pagamento do dízimo. O primeiro regimento individualizado surge já em 1755.

A estrutura organizacional aparenta ter sido semelhante à de outros centros cerâmicos, uma vez que *“as olarias organizavam-se em moldes patriarcais, dentro da oficina caseira. Com o dono ou mestre residiam os aprendizes e demais ajudantes. Outrora, a casa do oleiro era a um tempo oficina e tenda (a ambas os barristas mafrenses chamavam loja), situando-se o forno de cozer a louça num anexo, no quintal”* ⁶.

As olarias situavam-se nas imediações dos terrenos argilosos, de forma a terem acesso constante à matéria-prima, sendo o barro vermelho mais abundante na região. Para aquelas que se encontravam mais afastadas do local de extracção, o transporte do barro até à oficina era feito por carroças puxadas por burros.

O processo de tratamento do barro é bastante semelhante ao de outras localidades e regiões: recolha do barro, acondicionamento do barro nas olarias (barreiros, depois passam pelo “*empeladoiro*” e, a partir de 1930, alguns oleiros tiveram acesso a amassadores), trabalho na roda e conseqüente cozedura em forno a lenha.

Produziam-se objectos elaborados no torno (potes, jarras e outros objectos), peças que não requeriam o uso de um torno (como é o caso dos alguidares) e objectos modelados (figurados). O vidrado terá sido introduzido a partir de 1804.

A paleta cromática varia entre os amarelos de candeias de argolas e os verdes ou castanhos das folhagens estreladas. As formas dos produtos cerâmicos de uso comum são também de um espectro bastante variado: alcatruzes, alguidares, almotolias, assadeiras e

⁶ GANDRA, Manuel J. (1999) – *A Cerâmica Tradicional de Mafra*. Ericeira: Mar das Letras, pp. 21-27.

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

nomeadamente à isenção do pagamento do dízimo. O primeiro regimento individualizado surge já em 1755.

A estrutura organizacional aparenta ter sido semelhante à de outros centros cerâmicos, uma vez que *“as olarias organizavam-se em moldes patriarcais, dentro da oficina caseira. Com o dono ou mestre residiam os aprendizes e demais ajudantes. Outrora, a casa do oleiro era a um tempo oficina e tenda (a ambas os barristas mafrenses chamavam loja), situando-se o forno de cozer a louça num anexo, no quintal”* ⁶.

As olarias situavam-se nas imediações dos terrenos argilosos, de forma a terem acesso constante à matéria-prima, sendo o barro vermelho mais abundante na região. Para aquelas que se encontravam mais afastadas do local de extracção, o transporte do barro até à oficina era feito por carroças puxadas por burros.

O processo de tratamento do barro é bastante semelhante ao de outras localidades e regiões: recolha do barro, acondicionamento do barro nas olarias (barreiros, depois passam pelo “*empeladoiro*” e, a partir de 1930, alguns oleiros tiveram acesso a amassadores), trabalho na roda e conseqüente cozedura em forno a lenha.

Produziam-se objectos elaborados no torno (potes, jarras e outros objectos), peças que não requeriam o uso de um torno (como é o caso dos alguidares) e objectos modelados (figurados). O vidrado terá sido introduzido a partir de 1804.

A paleta cromática varia entre os amarelos de candeias de argolas e os verdes ou castanhos das folhagens estreladas. As formas dos produtos cerâmicos de uso comum são também de um espectro bastante variado: alcatruzes, alguidares, almotolias, assadeiras e

⁶ GANDRA, Manuel J. (1999) – *A Cerâmica Tradicional de Mafra*. Ericeira: Mar das Letras, pp. 21-27.

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

azeitoneiras, bilhas, barris, cântaros, talhas, fogareiros, infusas, mealheiros, pichorros, só para citar alguns exemplos.

Estas composições e a sua tipologia decorativa terão tido duas correntes de influências: a escola de Escultura de Mafra, fundada por Alexandre Giusti no século XVIII, e a tradição cerâmica das Caldas da Rainha, onde José Franco, um dos oleiros de renome de Mafra, estagiou durante algum tempo.

A região Alentejo apresenta também grandes centros oleiros: Redondo, São Pedro do Corval, Viana do Alentejo, Nisa, Estremoz e Évora.

Os registos mais antigos surgem sob a forma de Forais. O mais antigo remete para a vila do Redondo, com o foral manuelino de 1516. Tal como o exemplo reflecte, durante o período medieval e moderno, muitos documentos régios, forais, regimentos e cartas de foro dão benefícios ao que é enquadrado na designação genérica de “*fornos ollarus*”.

Aqui a olaria ganha a sua verdadeira componente imaterial, se colocarmos em destaque os motivos decorativos e a paleta cromática utilizada: as práticas ligadas ao campo e aos seus afazeres, a indumentária, as paisagens locais, associadas a cores como o castanho, uma escala variada de azul e outra de ocre, fundos tendencialmente secundarizados perante a ausência da perspectiva e da predominância de um desenho *naïf*. Esta gramática decorativa, que também assume uma forte componente geométrica, é um verdadeiro catálogo de práticas e comportamentos, assumindo também uma vertente etnológica.

A estrutura das olarias apresenta, à semelhança de outros centros oleiros, uma organização familiar, encabeçada pelo mestre. A tradição oficial acaba por extravasar o âmbito familiar, uma vez que o mestre

Exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios/Seixal)”
- Dossier de apoio -

aceitava aprendizes que não eram membros da família, bem como trabalhadores de fora, pagos à jorna.

Os processos de preparação das peças passam também pelas tradicionais etapas: recolha do barro nos terrenos de extracção, processamento e preparação do barro, trabalho na roda, enformar, cozedura em forno a lenha, e consequentes fases de pintura.

Glossário (Termos de Olaria)

A

Amassadeira: máquina para amasar o barro antes de o trabalhar.

Aresta: porção de material que sobressai nos bordos ou na superfície de um objecto.

Argila: material (silicato de alumínio com impurezas) componente da terra e que, por formar com a água um material muito plástico que endurece quando é cozido, se utiliza para fazer objectos de cerâmica.

B

Bacia: recipiente redondo que pode ser de ferro esmaltado, de porcelana, loiça, etc.

Barbotina: lama aguada que se forma nas vasilhas de onde os oleiros limpam as mãos e a esponja e onde deitam o barro que retiram da peça mole que trabalham no torno. Esta papa espessa utiliza-se, entre outras coisas, para colar as asas.

Barro: massa resultante da mistura da terra com água.

C

Chamota: barro cozido e moído que pode ter diferente tipo de grão, com uma textura que pode ir desde a do açúcar granulado até á da farinha, e que se adiciona ao barro para facilitar o processo de secagem, dar mais textura e diminuir o encolhimento.

Compasso: instrumento formado por duas peças aguçadas, unidas na sua extremidade superior por um eixo para que possa abrir e fechar. Serve para traçar curvas regulares e para medir.

Contramolde: molde de barro feito para fixar as peças ao torno durante o polimento.

Couro: pedaços desse material utilizados pelos oleiros para nivelar as peças.

D

Desbaste: parte da aresta de uma madeira ou de outra substância, a que se diminui a espessura por meio de um corte em forma redonda ou de uma ranhura.

E

Eira: espaço de terra limpa e nivelada, por vezes empedrado, onde se debulham os cereais.

Enfornar: introduzir algo no forno para cozer.

Esmalte: verniz vítreo que adere, por fusão, á porcelana, á loiça, aos metais e a outras substâncias fabricadas.

Esponja: todo o corpo que, pela sua porosidade, elasticidade e suavidade, serve como utensílio de limpeza.

F

Ferramenta: instrumento, geralmente de ferro ou aço, com que os artesãos trabalham para praticar o seu ofício.

Fio: linha comprida e fina que se forma torcendo o linho, a lã, o cânhamo ou outra substância de material têxtil.

Forma: molde de barro feito para fixar as peças ao torno durante o polimento. Molde com o qual se fabrica ou se forma algo.

Forno: espaço fechado no qual, através da combustão de materiais adequados, se obtêm uma temperatura elevada, utilizada para cozer.

G

Grés: mistura de argila fina com areia formada por quartzo que, cozida a temperaturas elevadas, de 1200° C a 1300° C, vitrifica; com o grés fabricam-se objectos resistentes ao fogo e aos ácidos e também cerâmica artística.

L

Lama: lodo viscoso que se forma geralmente com os sedimentos terrosos, nos locais onde existe água estagnada.

Limar: polir uma peça.

Lodo: mistura de terra e água, especialmente a que resulta das chuvas no solo.

M

Massa: massa de barro antes de ser preparada.

N

Nivelar: retirar as irregularidades de algo.

O

Oficina: local onde se faz uma obra com as mãos.

Olaria: Arte de reproduzir recipientes de barro. Oficina onde se produzem. Arte e actividade do oleiro. Local onde se produzem recipientes de barro cozido.

Oleiro: aquele que trabalha com o torno. Pessoa que se dedica á produção de recipientes de barro cozido.

P

Pá: chapa de ferro, com 20 cm de comprimento e 2 ou 3 cm de largura, com as duas pontas triangulares e dobradas formando um ângulo recto, cada uma para o seu lado. Os oleiros utilizam-na para polir e decorar as peças de barro no torno.

Palheta: ferramenta utilizada pelos oleiros, que consiste numa peça de ferro de formato variável, com 7 a 15 cm de envergadura, com um orifício central para introduzir o dedo. Serve para nivelar o exterior das peças que se trabalham no torno.

Peneira: instrumento composto por aro e uma tela, geralmente de cerda, mais ou menos aberta, que fecha a parte inferior. Serve para separar as partes mais finas de substancias integrais, como a farinha, o soro, etc.

Polir: compor, nivelar ou aperfeiçoar algo, dando-lhe uma última passagem para a tornar mais bonita.

Porcelana: espécie de loiça fina, transparente, clara e brilhante, inventada na China imitada na Europa.

Punção: instrumento de ferro que termina num bico.

R

Ranhura: encaixe feita na aresta de uma placa para a ligar a outra.

Refractário: corpo que resiste á acção do fogo sem mudar de estado e sem se decompor.

T

Tanque (de sol): tanque descoberto onde se prepara o barro para o trabalho cerâmico.

Teque cortante: tira de chapa de ferro flexível para diferentes utilizações.

Terra: conjunto de partículas minerais e orgânicas que formam o solo dos campos.

Térreo: pertencente ou relativo á terra.

Tornear: trabalhar ou arredondar algo num torno.

Tornete: pequeno torno para perfilar as peças.

Torno: máquina onde se trabalha para raspar e modelar as peças.

U

Utensílio: o que serve para uso manual e frequente.

V

Veio: veia, faixa ou lista de um material que, pela sua qualidade, cor, etc., se distingue da massa da qual faz parte.

ANEXO VI

Documentação de apoio ao Programa de Iniciativas complementar da exposição

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Visita Temática *À Roda do Oleiro* – Sobreiro, Mafra –

[18 de Abril de 2009]



Paulo Franco produzindo réplicas de cerâmica romana na Olaria Artesanal de Álvaro Silvestre Gomes.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Programa

08:30 Horas – Partida do Seixal

09:00 Horas – Paragem no Museu Nacional de Arqueologia (Belém)

10:30 Horas – Visita à exposição A21: Arqueologia na auto-estrada (Complexo Cultural da Quinta da Raposa, Mafra)

11:30 Horas – Visita à Olaria Artesanal de Álvaro Silvestre Gomes, com os oleiros Paulo Franco e Michael Gomes

12:30 / 14:30 Horas – Intervalo para almoço

14:30 Horas – Visita à “Casa do Poeta”, antiga olaria de António Batalha, com Rosa Ferreira

15:30 Horas – Visita à Olaria de Hernâni Fortunato, com o próprio

16:30 Horas – Visita à Olaria de Araújo e Duarte, com os oleiros José Santos e Henrique Santos

17:30 Horas – Regresso ao Seixal

Visita Temática À Roda do Oleiro – Sobreiro, Mafra [18 de Abril de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 2

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

As Olarias

O barro arrancado
Pelas cercanias,
Levado é depois,
P’los carros de bois,
Para as olarias.

Pelas noites fora,
Sempre modelando
Grande canjirões,
Antigos jarrões,
Na roda girando.

O barro bendito
É logo amassado
Depois de escolhido,
Nas rodas metido,
Vai ser modelado.

Nos meses das feiras
É que é trabalhar!
Que lindas tigelas,
Tachos e panelas,
Sempre a modelar.

Aqui os oleiros
Mil formas lhe dão;
C’os pés empurrando,
A roda girando,
– Que lindo é então!

Com toscas pinturas
A loiça é pintada
E logo em seguida,
Nos fornos cozida,
Depois de vidrada.

Dali saem feitos
Lindos alguidares,
E bem acabados
Os grandes asados
Com asas aos pares.

P’ra todas as feiras
E p’rás romarias
A loiça é levada;
A fama é espalhada
Destas olarias.

As bilhas de barro
São d’apreciar,
Qu’ é p’rás reparigas,
Cheias de cantigas,
À fonte as levar.

– Com o nome de Mafra,
P’lo país inteiro,
Ela é conhecida;
– Mas é fornecida
P’la Achada e Sobreiro.

Carlos Batalha, in *O Concelho de Mafra*, 19-08-1945

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Olaria Tradicional Mafrense

Para além de evidências pré e proto-históricas, a produção regional de cerâmica está documentada desde 1189, em *Foral* atribuído pelo Bispo de Silves à Vila de Mafra. Nele se estabelecem regras para o pagamento da dízima pelos oleiros locais, posteriormente actualizadas pelo *Foral Novo*, subscrito por D. Manuel em 1513. Em tempos mais recentes, o primeiro registo local da actividade de um oleiro data de 1704, sendo a presença destes profissionais cada vez mais forte, a ponto de um inventário de 1908 incluir 48 olarias só nas freguesias de Mafra e Santo Isidoro. Na década de 1980, outro estudo chega a recensear 129 oleiros e 45 olarias em actividade no período entre 1850 e 1900. Em 1999, investigação mais recente listava 33 olarias na freguesia de Mafra, onde se destacavam as povoações da Achada e do Sobreiro.



Na tradição oleira mafrense recente incluem-se peças executadas com e sem roda e figuras modeladas. Em termos tecnológicos, os fornos a lenha foram gradualmente substituídos por fornos eléctricos e a gás. Para além da impermeabilização de algumas peças com pez ou sebo derretido, vidrados à base de chumbo começaram a ser usados pelo menos desde o

Visita Temática À Roda do Oleiro – Sobreiro, Mafra [18 de Abril de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 4

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

início do século XIX (o primeiro registo documentado data de 1804), obrigando a uma segunda cozedura. A decoração era geralmente tarefa feminina, sendo frequentemente dotada de um simbolismo ligado à protecção das peças ou do respectivo conteúdo.

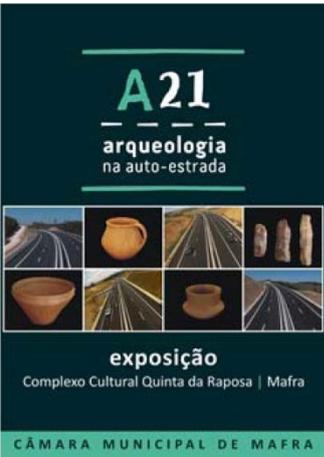
A loiça produzida em Mafra tinha um cariz predominantemente utilitário, para preparação, consumo ou acondicionamento de alimentos. No entanto, na transição dos séculos XIX-XX, surgem também as “figuras de fantasia”, de que são hoje exemplo mais conhecido as peças modeladas que José Silos Franco. Em actividade desde 1947 e falecido no passado dia 14, com 89 anos, este oleiro tem exposta no “museu / aldeia típica” do Sobreiro a obra a que dedicou boa parte da sua vida, desde o início da década de 1960. Outra grande figura no panorama dos oleiros mafrenses foi Eduardo Azenha (1923-1996), também agricultor e poeta popular, que construiu laboriosamente uma aldeia miniaturizada, com figuras e quadros do quotidiano local do mesmo tipo dos que popularizaram José Franco.

Embora sejam conhecidos alguns almocreves, a loiça de Mafra era vendida pelos próprios oleiros ou pelas suas mulheres nas olarias, de porta em porta, ou percorrendo aldeias, feiras e romarias, em deslocações por vezes longas, até vender tudo o que se transportava. Famosas em toda a região Centro, as cerâmicas mafrenses chegavam também a Lisboa e Évora, havendo registo de participações nas feiras do Barreiro, Moita, Montijo e Setúbal.

Fonte: GANDRA, Manuel J. (1999) – *A Cerâmica Tradicional de Mafra*. Ericeira: Mar de Letras Editora (Coleção Lugares de Memória, 7).

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Pontos de visita

Exposição “A21: Arqueologia na auto-estrada”	
Complexo Cultural Quinta da Raposa, Mafra	
	<p>Entre 2004 e 2008, aquando da construção da A21, que liga Ericeira, Mafra e Malveira, trabalhos arqueológicos identificaram vestígios de ocupação humana que permitem recuar a tradição oleira da região até ao Neolítico. De facto, para além dos primeiros fornos de telha de Época Contemporânea, mais de uma centena de estruturas de argila atestam a produção de cerâmica nesse período pré-histórico, cerca de 5000 anos a.C. Excepcionais foram também os achados de cerâmicas da Idade do Bronze, que provam a persistência dessa actividade entre o 2º milénio e o século VIII a.C.</p> <p>A exposição aborda estes e outros resultados da intervenção em 26 sítios arqueológicos, correspondente à maior operação arqueológica realizada em território nacional por um gabinete de Arqueologia municipal, no caso o da autarquia de Mafra.</p> <p>Fonte: Câmara Municipal de Mafra (http://www.cm-mafra.pt/cultura/noticia.asp?noticia=1171)</p>

Visita Temática À Roda do Oleiro – Sobreiro, Mafra [18 de Abril de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 6

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Olarias do Sobreiro, Mafra

Olaria Artesanal de Álvaro Silvestre Gomes



Michael Gomes preparando fornada na Olaria Artesanal de Álvaro Silvestre Gomes (2009)

Criada em 2002, a olaria de Álvaro Silvestre Gomes é gerida pelo filho, Michael da Silva Gomes, nascido na Alemanha há 37 anos, em período de emigração do pai. Continuando uma tradição familiar que recua até ao avô paterno, Michael iniciou-se na profissão aos 13 anos, depois de frequentar curso especializado no CENCAL (Caldas da Rainha).

A olaria utiliza argilas das zonas de Alcanena e Torres Vedras, que aqui chegam “em torrão”. Três oleiros fazem todo o tipo de trabalhos, assegurando o funcionamento de dois fornos a gás. Produz essencialmente artigos de jardinagem e tem os principais clientes no Algarve, embora também trabalhe para centros de jardinagem da zona Centro e de outros locais do país.

Também exerce aqui actividade o oleiro Paulo César Batalha Franco, de 38 anos, natural da Achada, responsável pela execução das réplicas de ânforas e de loiça doméstica patentes na exposição sobre a olaria da Quinta do Rouxinol. Iniciou-se na profissão aos 13 anos, trabalhando para o cunhado, Norberto Batalha, que então instalou a sua olaria na Achada. De lá saiu para acompanhar o novo projecto de Michael Gomes, em 2002.

Fonte: recolha oral (Abril 2009)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

“A Casa do Poeta”, antiga olaria de António Batalha



Peça do oleiro / poeta António Batalha (2008)

Nascido na Achada, em 1930, o oleiro-poeta António Batalha faleceu em 2007, deixando-nos a “Casa do Poeta”, que a sua viúva, Rosa da Conceição Paulo Ferreira mantém aberta ao público.

Para além de um forno a lenha construído em 1955, que António Batalha manteve em funcionamento até 1964 e restaurou em 2002, estão expostas várias placas cerâmicas com quadras suas, bem como miniaturas de outras peças, com largo predomínio dos mealheiros.

Em edifício contíguo instalou-se um pequeno “museu”, com montagens do mesmo tipo de peças cerâmicas miniaturizadas.

Fonte: recolha oral (Janeiro 2008)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Olaria de Hernâni Simões Fortunato



Peças cerâmicas armazenadas na Olaria de Hernâni Simões Fortunato (2008)

Hernâni Simões Fortunato, com 49 anos, natural do Sobreiro, mantém uma tradição profissional com fortes raízes familiares (avós, pais e tios). Trabalha desde os dez anos de idade.

Há gerações propriedade da família, a olaria é centenária e das mais antigas em actividade no Sobreiro (talvez mesmo a mais antiga). Nela chegaram a trabalhar sete pessoas, agora reduzidas a Hernâni e um dos seus filhos (Hugo Fortunato). Um forno a lenha usado até há cerca de 12 anos serve agora como estufa, substituído por dois fornos a gás, dos quais apenas um funciona em pleno.

A argila provém da região de Torres Vedras e é preparada na olaria. A produção incide nos artigos de jardinagem e em alcatruzes para pesca (fortemente afectados pelo uso crescente de vasilhas em plástico, apesar dos evidentes danos ambientais).

Quase tudo o que se produzia era exportado para a Holanda (atingiu-se o número de 56 mil peças / ano), mas esse movimento foi fortemente afectado pela actual crise. No presente, os poucos clientes estão nas zonas de Torres Vedras, Almada e Seixal.

Fonte: recolha oral (Abril 2009)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Olaria de Araújo e Duarte



Preparação do barro na
Olaria de Araújo e Duarte (2008)

José Eduardo Oliveira dos Santos, de 42 anos, natural do Sobreiro, gere com o seu irmão Henrique a olaria que o pai arrendou no final da década de 1950 ou no começo da seguinte. Henrique Santos iniciou actividade mal concluiu a escola primária, enquanto José Eduardo passou por outras profissões antes de se fixar como oleiro, aos 20 anos. No entanto, ambos conheciam o ofício desde crianças, uma vez que praticamente cresceram dentro da olaria.

Nesta ainda existem dois fornos a lenha, um dos quais usado hoje como estufa. Foram substituídos há cerca de 25 anos, primeiro por forno eléctrico e depois por forno a gás.

A argila vem da região de Torres Vedras e é tratada na olaria, onde se produz essencialmente loiça de cozinha e de mesa. Os clientes estão na zona Centro, em Lisboa e no Algarve, mas rareiam cada vez mais.

Os dois irmãos asseguram todo o trabalho, incluindo a distribuição. Não há aprendizes, mas iniciaram no ano passado a integração de estágios mensais para grupos de dois alunos de uma escola profissional de Sintra.

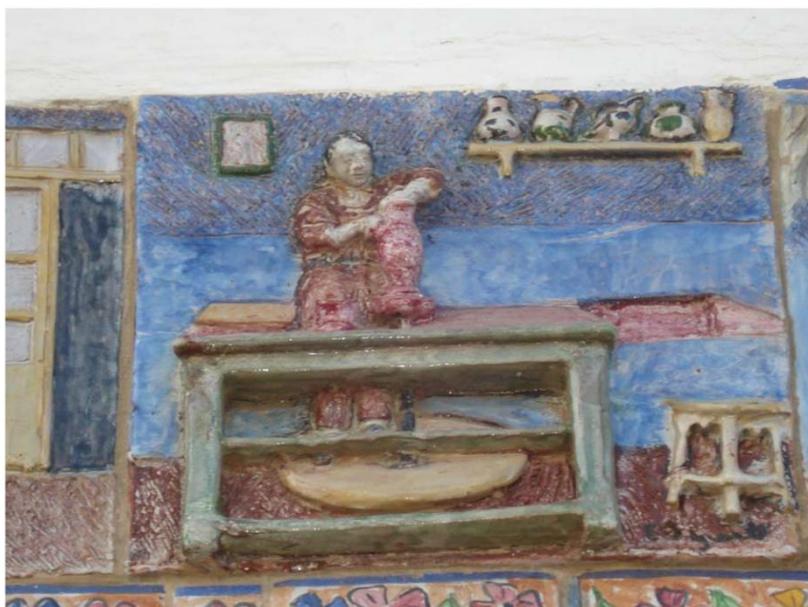
Fonte: recolha oral (Abril 2009)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Visita Temática *À Roda do Oleiro* – Viana do Alentejo –

[21 de Março de 2009]



Pormenor da azulejaria na antiga casa do Mestre Francisco Lagarto

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Programa

08:00 Horas – Partida do Seixal

10:40 Horas – Visita à olaria de Feliciano Branco Agostinho

11:20 Horas – Visita à olaria de Feliciano Mira Agostinho

12:00 Horas – Visita ao Castelo (recinto amuralhado,
Igreja Matriz e Igreja da Misericórdia)

13:00 / 15:00 Horas – Intervalo para almoço

15:00 Horas – Visita à Olaria de António Lagarto

15:45 Horas – Visita ao Santuário Mariano de N.ª Sr.ª D’Aires
(arquitectura religiosa barroca e colecção de ex-votos)

17:00 Horas – Regresso ao Seixal

Visita Temática À Roda do Oleiro – Viana do Alentejo [21 de Março de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 2

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

A Tradição Oleira em Viana do Alentejo



Antiga Escola de Cerâmica Médico Sousa (data desconhecida)

A tradição cerâmica

As características identificativas da primitiva olaria vianense não fugirão muito às apresentadas pelas oficinas da mesma região do Alentejo. Formas simples e populares, de aspecto grosseiro e textura bem granulada, destinavam-se exclusivamente ao uso doméstico, abstraindo-se por completo de quaisquer motivos decorativos.

Entre as principais peças, e a testemunhar o seu intrínseco carácter utilitário, destacam-se os alguidares vidrados, para uso na tradicional matança do porco e como parte integrante do enxoval das noivas, as bilhas, barris e cântaros para os líquidos, panelas, tachos e barranhões para preparar e degustar as refeições, fogareiros, vasos, talhas e alcatruzes para as noras, que nesta fase eram feitos de barro, muito possivelmente devido à proliferação de oficinas de olaria na vila.

Visita Temática À Roda do Oleiro – Viana do Alentejo [21 de Março de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 3

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

A partir de 1981, a loiça vianense começa a apresentar uma nova face. Pela mão de Feliciano Branco Agostinho, antigo aluno da Escola de Cerâmica *Médico Sousa*, inicia-se o ciclo da loiça pintada em Viana. Motivos de cores vivas difundem-se sobre as peças que saem dos fornos: paisagens alentejanas, figuras alentejanas características e motivos geométricos de clara inspiração árabe tornam-se o padrão decorativo da loiça vianense.

Com uma paleta cromática composta por uma escala de amarelos e tons de azul em fundo branco, que a distanciam dos centros oleiros vizinhos (Redondo e São Pedro do Corval), a loiça vianense adquiriu desde então a sua vertente decorativa, sem, no entanto, perder a componente utilitária, materializada nas formas e nos talhes das peças.

A loiça em barro, decorada com motivos figurativos e geométricos alusivos à região, é cada vez mais uma imagem de marca que caracteriza o Alentejo dos nossos dias. A vila transtagana de Viana do Alentejo encontra na olaria a mais fiel depositária das suas memórias, das recordações de gerações passadas e de reminiscências da sua História.

As impressões digitais sobre o barro, as pequenas imperfeições que passam despercebidas ao olhar incauto, e que conferem a cada peça o seu cunho único, a roda que oscila sobre as mãos do oleiro e o barro que dança sobre elas são o decalque dos anos da história, de toda uma tradição que ainda não sucumbiu por completo às novas tecnologias aplicadas a esta profissão. Ainda subsiste o espírito do velho oleiro que peremptoriamente se deslocava à Herdade dos Baiões em busca da argila para poder trabalhar.

Breves notas históricas

A nota histórica mais antiga sobre a olaria de Viana do Alentejo remonta ao ano de 1255, quando D. Afonso III concedeu aos oleiros de Viana a devida autorização para a recolha do barro na Herdade dos Baiões, mediante o pagamento de uma contribuição ao foro, contribuição essa feita em loiça.

Já em 1890 há notícia de que em Viana do Alentejo operavam 37 oleiros, divididos por 17 olarias com pretensões de fabrico. Estes dados são fortes indicadores de que, entre 1255 e 1890, período para o qual não são ainda conhecidos outros registos, a olaria tradicional terá conhecido grande incremento.

Visita Temática À Roda do Oleiro – Viana do Alentejo [21 de Março de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 4

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Estes oleiros, com o fim do dirigismo do Antigo Regime, consubstanciado nos preços fixados administrativamente e no controlo das quantidades e da qualidade das peças a dispor nos mercados, começam a demonstrar um forte espírito comercial e concorrencial, substituindo as antigas entidades reguladoras do mercado e passando a comercializar directamente nos mercados e feiras regionais.

A 9 de Junho de 1893, António Isidoro de Sousa, homem nobre da vila, fundou uma escola para apoiar a olaria vianense. Aquele que foi também o grande dinamizador e criador da primeira adega social de Portugal ¹ organizou, à semelhança das grandes exposições de então, uma mostra de produtos cerâmicos locais, como meio seguro de se poder avaliar qual o seu estado, bem como os recursos e aptidões dos oleiros vianenses.

Em 28 de Outubro do mesmo ano, a mando do Dr. Bernardino Machado, então ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, é criada oficialmente uma oficina / escola onde se ensinavam praticamente todos os processos relativos aos ofícios do oleiro, forneiro de louça e pintor cerâmico.

A este estabelecimento foi dado pela população de Viana o nome de *Médico Sousa* (pai de António Isidoro), em sinal de gratidão e respeito, não só por toda a obra de Isidoro de Sousa, mas também pelo empreendimento de toda a família Sousa em prol da vila e do Concelho de Viana do Alentejo.

¹ A *UVOS* (União Vinícola e Oleícola do Sul) foi fundada em Viana do Alentejo, a 21 de Outubro de 1892.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Pontos de visita

Oleiros Vianenses	
Olaria Feliciano Branco Agostinho	
	Quando se fala da olaria tradicional em Viana do Alentejo, o nome de Feliciano Branco Agostinho é quase incontornável. Fruto da Escola de cerâmica fundada por António Isidoro de Sousa no século XIX, foi ele que iniciou na vila alentejana a prática da loiça pintada.
Olaria Feliciano Mira Agostinho	
	Feliciano Mira Agostinho é filho de Feliciano Branco Agostinho. Aprendeu o ofício da olaria com o seu pai ainda em tenra idade. Agora por conta própria, continua a dar a feição das formas tradicionais aos barros que lhe passam pelas mãos. As pareenças a nível de desenho e paleta cromática nas suas peças não deixam ao acaso qualquer interpretação: a matriz da família Agostinho encontra-se plenamente estabelecida nos trabalhos daquele que é, dos oleiros de Viana, o mais novo em actividade.

Visita Temática À Roda do Oleiro – Viana do Alentejo [21 de Março de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 6

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Olaria António Lagarto	
	António José Lagarto é também ele descendente de uma família de oleiros. Aprendeu o ofício com o pai e desde sempre elegeu a olaria como modo de ser e de estar na vida. O seu trabalho distingue-se do dos restantes oleiros pela criação de pequenas estátuas de santos e de figuras animais.

Património Local	
Castelo de Viana do Alentejo	
	O castelo de Viana do Alentejo encerra duas das mais preciosas pérolas da vila: a Igreja Matriz e a Igreja da Misericórdia. Testemunho do Manuelino em Portugal, a Igreja Matriz de Viana do Alentejo encerra um conjunto de soluções arquitectónicas que fazem dela um marco incontornável em toda a História Vianense. O seu arquitecto foi Diogo de Arruda, a quem alguns anos depois foi atribuído o título de Arquitecto-Mor do Reino. Para alguns autores, a Igreja Matriz de Viana terá sido a sua grande obra.

Visita Temática À Roda do Oleiro – Viana do Alentejo [21 de Março de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 7

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

	<p>A Igreja da Misericórdia, também testemunha o Manuelino na região alentejana, e tem no vasto silhar azulejar e na talha as suas maiores riquezas.</p> <p>De destacar também o cruzeiro marmóreo, proveniente do Santuário de Nossa Senhora D’Aires, que representa uma <i>Pietà</i>.</p>
Santuário de Nossa Senhora D’Aires	
	<p>Situado a cerca de 2 km da vila de Viana do Alentejo, o Santuário Mariano de Nossa Senhora D’Aires é um ponto de referência por si só. O actual templo, derivado de um antigo templete quinhentista, apresenta sóbrias linhas barrocas e uma fachada branca e amarela.</p> <p>É local de romaria a cavalo no último fim-de-semana de Abril. No largo realiza-se a já tradicional Feira D’Aires, em Setembro.</p> <p>Entre outros encantos destacam-se o Baldaquino em talha, o Zimbório e a Casa dos Milagres, com as paredes forradas por fotografias de várias épocas, bem como ex-votos, constituindo-se desta forma como um dos mais genuínos museus populares.</p>

Visita Temática À Roda do Oleiro – Viana do Alentejo [21 de Março de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 8

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Passeio

À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias

[22 de Julho de 2009]



(Fonte: Ecomuseu / Centro de Documentação e Informação)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Programa

10:00 Horas – Partida do Moinho de Maré de Corroios

10:30 Horas – Visita à exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)”, no Museu Nacional de Arqueologia.

12:00 / 13:30 Horas – Intervalo para almoço livre.

14:00 Horas – Partida da Rocha Conde d’Óbidos para passeio no Tejo, a bordo do bote-de-fragata *Baía do Seixal*, com regresso ao Moinho de Maré de Corroios.

16 a 17:00 Horas (depende das condições de navegação à vela) – Visita ao Moinho de Maré de Corroios.

Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 2

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Texto de apoio

FREIRE, Jorge; FARINHA, Nuno; FIALHO, António e CORREIA,
Fernando (2007) – “Contributo para o Estudo da Tecnologia Naval
Romana, a Partir da Reconstrução Gráfica de um Navio Tipo *Corbita*”.
Conímbriga. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Universidade de
Coimbra. 46: 281-290.

Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 3

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

CONTRIBUTO PARA O ESTUDO
DA TECNOLOGIA NAVAL ROMANA,
A PARTIR DA RECONSTRUÇÃO GRÁFICA
DE UM NAVIO TIPO *CORBITA*

Introdução

As técnicas navais romanas resultaram, naturalmente, de múltiplas heranças: primeiro, mediterrânica, fenício-púnica, helénica e etrusca e, posteriormente, também atlântica, céltica ou bárbara. Todas elas permitiram estabelecer uma síntese pragmática no contexto do processo de romanização, entendido como aculturação, das regiões da fachada atlântica. Não só foram pragmáticos como inovadores: navegavam de dia ou de noite, conheciam a vela triangular, sabiam navegar à bolina, mas faziam-no quase sempre com recurso à cabotagem, e estabeleceram uma eficiente e vasta rede de comunicações marítimas, notavelmente conjugada com a rede viária e fluvial.

Navegar na época romana, no Atlântico, tinha três grandes finalidades: uma bélica, para transporte e alimentação das legiões, outra comercial, para transporte e transacção de produtos como os preparados piscícolas, o vinho e o azeite, e por fim para a exploração de recursos naturais, a pesca.

Os navios romanos, relata-nos o *Digesta*¹, dividiam-se em três grandes categorias: navios de guerra (*naves longae*), navios de carga (*naves onerariae*) e galeras comerciais (*naves acturiae*). Dentro desta classificação interessa-nos sobretudo desenvolver o tema dos navios de carga porque é sobre eles que, a par dos dados históricos, iconográficos e epigráficos, maiores evidências arqueológicas dispomos, isto porque, a natureza dos produtos transportados em materiais não perecíveis tem

¹ *Digesta*, XLIX, 15, 2.

Conimbriga, 46 (2007) 281-290

FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 4

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

284 FREIRE/FARINHA/FIALHO/CORREIA, *Estudo da tecnologia naval romana*

possibilitado uma maior e melhor conservação dos restos dos navios romanos em contexto aquático².

Navio Romano do Tipo *Corbíta*

Os navios romanos eram preferencialmente construídos segundo o processo tipo *concha*, basicamente de fora para dentro, levantando-se primeiro o forro, formado de pranchas ligeiramente sobrepostas, colocando as pranchas topo a topo, fixadas por meio de encaixes, cavilhas e cunhas, inserindo-se finalmente a ossatura do navio. O processo *concha* conferia ao costado um aspecto liso, característico e muito nítido nas representações de navios romanos, nas quais se distinguem as fortes linhas das cintas³ (Ests. 1 e 3 a 7).

Todavia, se a preferência do *architectus navalis* era orientada principalmente para o método concha, tal facto não significa que não tivesse sido utilizado o método em que se construía primeiramente a ossada do navio (esqueleto primeiro)⁴, como sucede nas embarcações regionais do tipo *caudicariae* encontradas na *Britanniae*⁵ (Est. 2). Por outro lado, restos de navios como a Madrague de Giens, na ilha de Giens, meados do século I a. C., ou o de Bourse, em Marselha, século I d. C., provam a utilização de um sistema de construção que combinava os dois métodos.

Os navios destinados ao abastecimento e comércio, como os navios do tipo *corbíta*, transportavam e acondicionavam normalmente os produtos em ânforas. O carregamento principal destes podia ser de um ou vários tipos de ânforas, sugerindo embarque de vários produtos comercializáveis. Alguns navios podiam também transportar artigos secundários, como as *sigillatas* ou *lucernas*, como complemento de

² Agradecemos cordialmente ao Doutor Vasco Gil Soares Mantas o apoio científico na elaboração das ilustrações, ao Dr. António Carvalho a amabilidade de ter feito a revisão do texto, e à Dr.ª Ana Guimarães Ferreira pela tradução do *abstract*.

³ Mantas, Vasco, *Tecnologia Naval Romana*. Lisboa. Academia de Marinha 1995; Alves, Francisco, “Apontamento sobre um fragmento de tábuca de casco de navio dotado do sistema de fixação por encaixe-mecha-respiga, típico da antiguidade mediterrânica, descoberto em 2002 no estuário do rio Arade”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 8. número 2 2005 449-457.

⁴ Gassend, Jean Marie, “La construction naval du type alterné”. *Tropis* 1 1989.

⁵ McGrail, Seán, “La construction navale celtique”. *Chasse-Marée, Des Bateaux et des Hommes*, n.º 167 2001 40-53.

Conimbriga, 46 (2007) 281-290

FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

FREIRE/FARINHA/FIALHO/CORREIA, *Estudo da tecnologia naval romana* 285

carga e desta forma preencher “os espaços vazios”. Porém, os produtos acondicionados não se limitavam às ânforas, mas também eram transportados, no caso do vinho ou de produtos cerealíferos, em tonéis ou em *dolias*⁶.

Como qualquer outro navio de madeira, iniciava-se a construção do navio tipo *corbita*⁷ a partir da quilha colocada sobre cepos de madeira, depois ensablava-se a esta a rabada do navio e a roda de proa. Como forma de definir o casco eram ainda colocadas balizas temporárias (Est. 3, Fig. 1).

A construção do costado iniciava-se com a fixação à quilha das tábuas de resguardo, mediante um número apropriado de encaixes e cavilhas até à borda falsa, altura em que se colocavam as balizas (Est. 3, Fig. 2). Estas eram muito numerosas e colocadas, grosso modo, em intervalos de 25 centímetros. As pranchas do costado eram bastante delgadas, variando entre os 3,5 cm e os 10 centímetros. As cavilhas de ligação tinham entre 5 a 10 centímetros de largura, em profundidade podiam atingir metade da prancha e intervalavam entre si cerca de 25 centímetros. O processo de colocação das pranchas topo a topo era um processo muito delicado que necessitava de precisão, pois dele dependia a resistência do costado. Os encaixes deveriam ser abertos no topo da prancha, anteriormente fixada, colocando provisoriamente a prancha seguinte para nela se marcarem os encaixes a abrir. A madeira para as pranchas do casco, tendo em conta a operação de encurvamento e o número elevado de encaixes, era cuidadosamente seleccionada, excluindo as muito secas ou as verdes, como forma de prevenir o colapso do costado quando submetido à pressão da água ou da ondulação.

O pé do mastro principal assentava, em muitos dos navios, numa peça de madeira escavada e apoiada na quilha. Nesta cavidade era costume, com fins apotropaicos, colocar uma moeda, a qual, quando recolhida não pode por si só datar o navio, pois podia acontecer a utilização de uma moeda bastante mais antiga como parece ter acontecido no navio Port Vendres II, naufragado em Port Vendres nos Pirinéus Orientais.

Existiam várias formas de construir a ossada no navio. Na representação tridimensional apresentada apostamos numa combinação

⁶ Pomey, Patrice, *La Navigation dans L'Antiquité*. ÉDISUD 1997 146-149.

⁷ Os *Corbita* tinham no cimo do mastro um cesto, que em latim se designa por *corbis*. Sobre a etimologia da palavra vide *Le Dictionnaire des antiquités Grecques et Romaines Daremberg et Saglio* Volume I a X 1877/1919 1504-1505.

Conimbriga, 46 (2007) 281-290

FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

286 FREIRE/FARINHA/FIALHO/CORREIA, *Estudo da tecnologia naval romana*

mista, tal como o Dramont A do Século I. a. C., que consistia na colocação de balizas contínuas, cravadas ou ensambladas à quilha e à sobrequilha, alternado com balizas, camadas falsas porque partiam da borda falsa e desciam até perto da sobrequilha onde se interrompiam (Est. 4).

A protecção ao casco do navio era feita pelas *zosteres* (cintas horizontais) que eram poderosas peças de madeira circundantes do navio pelo exterior, fixadas por cavilhas e ligadas internamente a fortes barrotos e à ossada. As latas do convés, tal como os vaus que uniam as balizas, atravessavam o navio de uma banda a outra como reforço da estrutura do casco (Est. 5). O casco podia ainda ser protegido por um revestimento de finas folhas de chumbo, colocado sobre uma cobertura de tecido impermeabilizado, com betume ou resina, fixado com numerosas tachas de cobre de cabeça larga.

O número de pavimentos ou cobertas variava até um máximo de três. Apesar da nossa representação apresentar uma exterior e outra interior, desconhecendo se esta abrangia toda a longitude dos navios. Os pavimentos ou cobertas eram suportados por pés de carneiro ou por pontaletes, centrais ou laterais, contribuindo assim para reforçar a estrutura do casco. Os navios mais pequenos, como as *caudicariae*, não possuíam convés, substituído por vezes por um passadiço ou tombadilho (Est. 7).

Os navios romanos utilizaram dois tipos de âncora. A âncora com cepo de chumbo (*tipo etrusco*) deverá ter sido utilizada a partir dos finais do século V a. C., enquanto que a âncora de ferro (*tipo grego*) deverá ter sido utilizada a partir dos finais do século III a. C. O século I deve ter assistido ao abandono progressivo da âncora de cepo em chumbo, adoptando-se exclusivamente a âncora de ferro por esta ser de maior funcionalidade ao apresentar um cepo desmontável⁸.

Tecnicamente as âncoras romanas eram constituídas por três partes: o cepo, a cana ou alma e os braços ou patas. Nas âncoras com cepo de chumbo os braços formavam um triângulo isósceles e eram, na maioria dos casos, em madeira, tal como a cana. Os cepos eram em chumbo para conferir maior peso ao conjunto, fixando a âncora ao fundo. Os braços das âncoras em madeira acabavam em pontas de metal sem dentes. As patas eram ligadas à cana por cavilhas de madeira ou por braça-

⁸ Mercanti, M. P., *Ancore Antique*, Roma 1979; Kapitän, G., “Ancient anchors. Technology and classification”, *The International Journal of Nautical Archaeology*, 13,1 1984 33-44.

Conimbriga, 46 (2007) 281-290

FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

FREIRE/FARINHA/FIALHO/CORREIA, *Estudo da tecnologia naval romana* 287

deiras de chumbo (Est. 6). Nas âncoras em ferro a diferença estava nos braços serem curvos, e possuir um cepo desmontável, na grande maioria das vezes feito de madeira, ou em algumas raras excepções ser de chumbo⁹.

Comércio e navegação

A quantidade de produtos transportados variava mediante as necessidades comerciais. Os navios romanos podiam transportar entre 10 toneladas, para navios pequenos, e 400 toneladas para os grandes navios, como parece ter sido o caso do navio romano Madrague de Giens naufragado entre os anos 75-60 a. C. perto da quase ilha de Giens. O cálculo da tonelagem de um navio antigo revela-se um exercício quanto a nós extremamente difícil de tal modo que as poucas fórmulas apresentadas não são consensuais. Actualmente o cálculo da tonelagem é feito a partir da distinção entre o peso total do navio, que corresponde à capacidade de deslocamento, e o peso da carga. As fontes clássicas são omissas a esta diferenciação para além de contribuírem para o dificultar da tarefa por apresentarem medidas de cálculo variável consoante o produto transportado: para o trigo eram indicados os *módios* e para as ânforas os *talentos*¹⁰. O elemento essencial para o cálculo da tonelagem é o comprimento da quilha conjugado com as fórmulas tradicionalmente utilizadas na construção naval do século XVII e XVIII¹¹. Para termos a certeza que as medidas recolhidas para o estudo da produção gráfica do navio em 3D estavam de acordo com as informações transmitidas pelas fontes, efectuámos um simples cálculo: saber quantas ânforas Dressel 14 seria possível introduzir dentro do espaço tridimensionalmente criado. O resultado aproximou-nos de um navio de 258 toneladas de carga, o que se traduz num carregamento de 3688 ânforas (Est. 8)¹².

⁹ Mantas, Vasco, *Tecnologia Naval Romana*. Lisboa, Academia de Marinha 1995 27-28.

¹⁰ 1 tonelada = 150 Módios = 38,5 Talentos = 20/25 ânforas.

¹¹ Este método foi utilizado e testado no naufrágio de Cavalière ao recorrer a fórmula cuja metrologia assenta no pé do rei francês, ou seja, cerca de 32,5 cm.

¹² O número apresentado forma cálculos de aritmética. As 200 toneladas não tiveram em conta as fórmulas utilizadas para calcular a tonelagem de carga, a tonelagem de deslocação e de lastragem.

Conimbriga, 46 (2007) 281-290

FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

288 FREIRE/FARINHA/FIALHO/CORREIA, *Estudo da tecnologia naval romana*

No que diz respeito à navegação, as fontes clássicas reportam-se quase exclusivamente ao Mediterrâneo¹³. Contudo, é possível obter, ainda que indirectamente, dados preciosos sobre o tipo de navegação que poderá ter existido no Atlântico romano, a qual era feita principalmente por meio da cabotagem, com a linha de costa à vista, apoiada por um conjunto de instrumentos náuticos rudimentares e pela experiência adquirida ao longo de todo o período romano, que se traduzia no conhecimento das correntes, ventos e marés, e saber evitar os traiçoeiros escolhos da costa. Estes seriam fundamentais para resistir e compreender as difíceis condições do Atlântico e permitir a evolução da própria noção de *mare clausum* trazida do Mediterrâneo. A este respeito Vegécio diz-nos: “(...) *Todo o conhecimento e todas as artes naturais devem ser postos em prática na previsão dos ventos e das tempestades, através da observação dos céus. Na dureza do mar, do mesmo modo que a precaução protege os evidentes, o desleixo acaba por afogar os descuidados. É por isso que importa conhecer o número e o nome dos ventos. (...) O mar constitui o terceiro elemento do mundo e é agitado, para além da força dos ventos, pela sua própria corrente e movimento. Em determinadas horas do dia e da noite, ocorre um movimento a que chamam maré, que avança e recua; tal como um grande rio que sai do seu leito, também o mar inunda a terra e depois volta a retirar-se. (...)*”¹⁴.

Também não podemos esquecer que o mundo romano, contribuindo para a navegação ao longo do Atlântico, não podia dispensar uma rede de portos que permitisse o funcionamento regular de linhas de comunicação e de abastecimentos, por vezes bastantes extensas, essenciais à política de Roma e capaz de servir eficazmente a administração do império orientada a partir de um sistema de economia global. A este propósito Tácito refere: “*As fronteiras do Império eram no Oceano ou em rios distantes. Exércitos, províncias, esquadras, todo o sistema estava interligado*”¹⁵. Dentro desta dinâmica há que reconhecer o estabelecimento de um vasto conjunto de portos secundários ao longo da costa atlântica como um decisivo complemento às grandes rotas comerciais romanas (Est. 9). Os portos eram necessários ao desenvol-

¹³ Rougé, Jean, *La Marine Dans l'Antiquité*. Collection SUP, Presses Universitaires de France 1975 10-16.

¹⁴ Man, Adriaan de, *Tratado de Ciência Militar de Flávio Vegécio Renato*. Edições Sílabo 2006 146-148.

¹⁵ Tácito, Ann., I, 9.

Conimbriga, 46 (2007) 281-290

FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

FREIRE/FARINHA/FIALHO/CORREIA, *Estudo da tecnologia naval romana* 289

vimento económico, e fundamentais para a protecção e abrigo dos navios, como muito bem compreendeu Vegécio: “*Os timoneiros e os marinheiros devem conhecer bem os portos e os lugares por onde navegam para evitarem as rochas, os estreitos e os bancos de areia, porque a segurança é tanto maior quanto mais fundo é o mar.*”¹⁶.

Numa altura em que o estudo da Rota Atlântica ganha um novo vigor não será de mais recordar a importância do mar no apoio à excelência da organização imperial romana, na preservação da *pax romana*, seguradora das comunicações marítimas e do extraordinário desenvolvimento dos navios de comércio, construídos sem preocupações defensivas, tal como descreve Suetónio a propósito de um encontro entre o navio em que seguia o imperador Augusto e um grande transporte vindo de Alexandria: *Certo dia em que bordejava a baía de Puetoli, os passageiros e a tripulação de um navio de Alexandria, que acabava de aportar, todos de branco, coroados de flores e queimando incenso, cumularam-no de votos de felicidade e de extraordinários louvores, dizendo ser graças a ele que viviam, graças a ele que navegavam, graças a ele que gozavam de liberdade e de prosperidade*¹⁷.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Francisco, “Apontamento sobre um fragmento de tábuas de casco de navio dotado do sistema de fixação por encaixe-mecha-respiga, típico da antiguidade mediterrânica, descoberto em 2002 no estuário do rio Arade”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Volume 8, número 2 2005 449-457.
- ALVES, Francisco *et alii*, “Os cepos âncora em chumbo descobertos em águas portuguesas. Contribuição para uma reflexão sobre a navegação ao longo da costa atlântica da Península Ibérica na Antiguidade”, «*O Arqueólogo Português*», série IV 1988-1989 6-7.
- CASSON, Lione, *Ships and Seamanship in the Ancient World*. Princeton 1973.
- COLES, John, *Arqueologia Experimental*. Bertrand 1973.
- GASSEND, Jean Marie, “La Construction Naval Du Type Alterné”. *Tropis* 1 1989.
- KAPITÄN Gerhard, “Ancient anchors. Technology and classification”, *The International Journal of Nautical Archaeology*, 13,1 1984 33-44.
- PARKER, Anthony John, *Ancient shipwrecks of the Mediterranean and the Roman provinces*. Oxford 1992.

¹⁶ Man, Adriaan de, *Tratado de Ciência Militar de Flávio Vegécio Renato*. Edições Sílabo 2006 148.

¹⁷ Suetónio, *Aug.*, 98.

Conimbriga, 46 (2007) 281-290

FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

290 FREIRE/FARINHA/FIALHO/CORREIA, *Estudo da tecnologia naval romana*

POMEY, Patrice, *La Navigation dans L'Antiquité*. ÉDISUD 1997.

MAN, Adriaan de, *Tratado de Ciência Militar de Flávio Vegécio Renato*. Edições Sílabo 2006.

MANTAS, Vasco, *Tecnologia Naval Romana*. Lisboa. Academia de Marinha 1995.

MANTAS, Vasco, *Portos Marítimos Romanos*. Lisboa. Academia de Marinha 2000.

MANTAS, Vasco, “O Atlântico e o Império Romano”. *Revista Portuguesa de História*. Instituto de História Económica e Social, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Tomo XXXVI, Volume 2 2002/2003 445-467.

MANTAS, Vasco, “A Lusitânia e o Mediterrâneo: Identidade e diversidade numa província romana”. *Conimbriga XLIII* 2004 63-83.

MCGRAIL, Seán, “La construction navale celtique”. *Chasse-Marée, Des Bateaux et des Hommes*, n.º 167 2001 40-53.

MERCANTI, Micaela Perrone, *Ancore Antique*, Roma 1979.

RIETH, Éric, *Le Maître-Gabarit, La Tablette et le Trébuchet. Essai sur la conception non-graphique des carènes du Moyen Âge au XX Siècle*. Éditions du CTHS 1996.

RIVAL, Michel, *La Charpenterie Naval Romaine*, Paris, 1991.

ROUGÉ, Jean, *La Marine dans L'Antiquité*. Collection SUP, Presses Universitaires de France 1975.

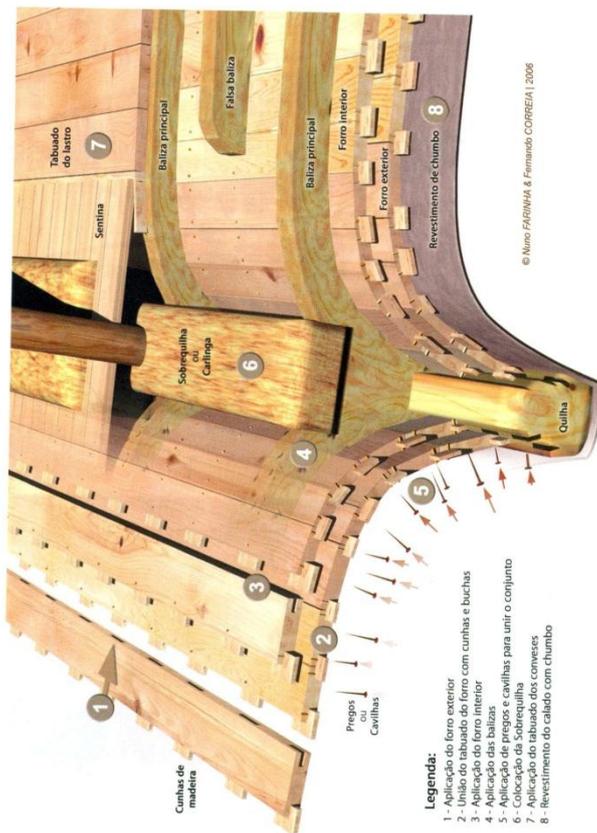
Conimbriga, 46 (2007) 281-290

FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 11

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

EST. I

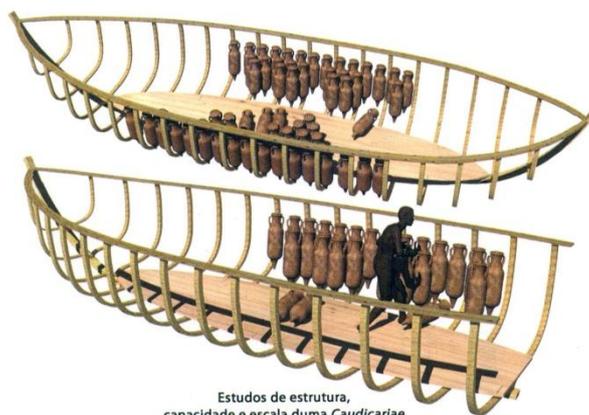


FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

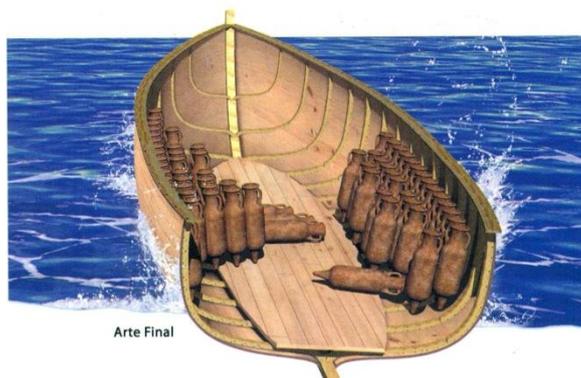
Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 12

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

EST. II



Estudos de estrutura,
capacidade e escala duma Caudicariae



Arte Final

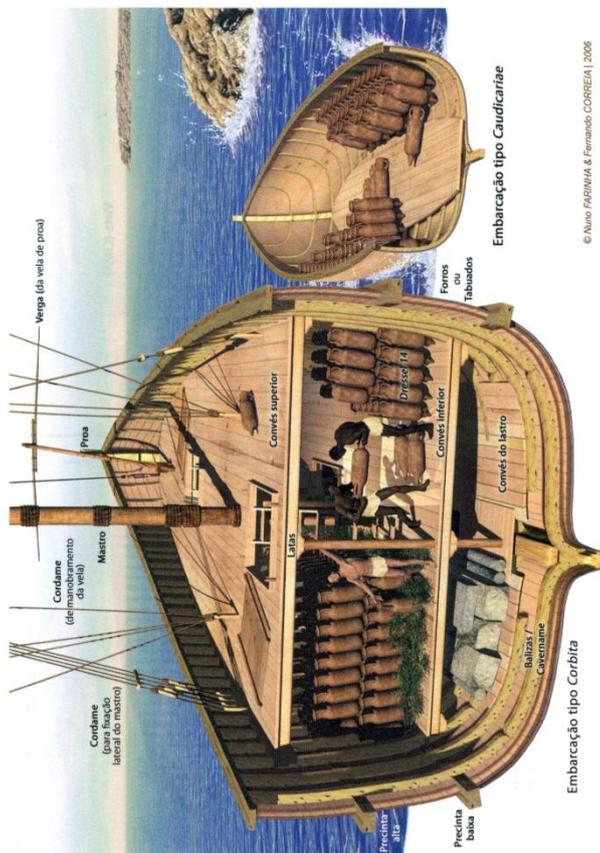
© Nuno FARINHA & Fernando CORREIA | 2006

FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 13

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

EST. VII

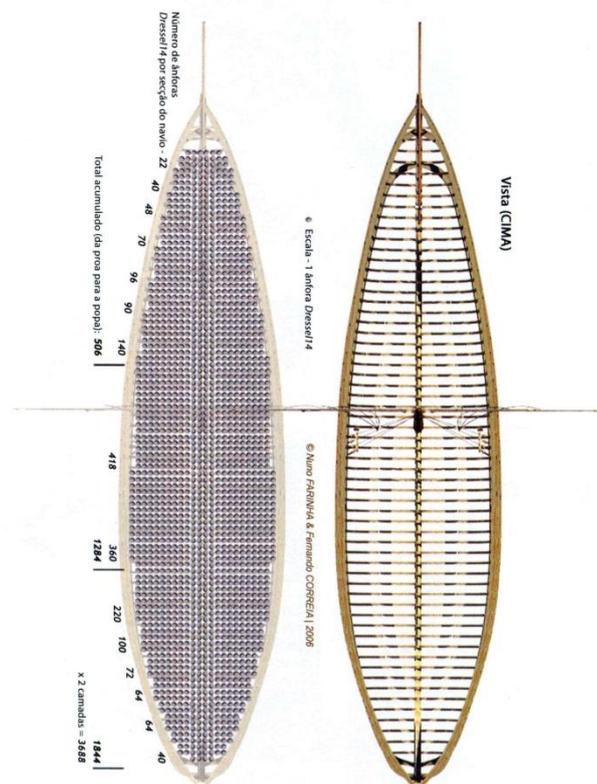


FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 14

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

EST. VIII



FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

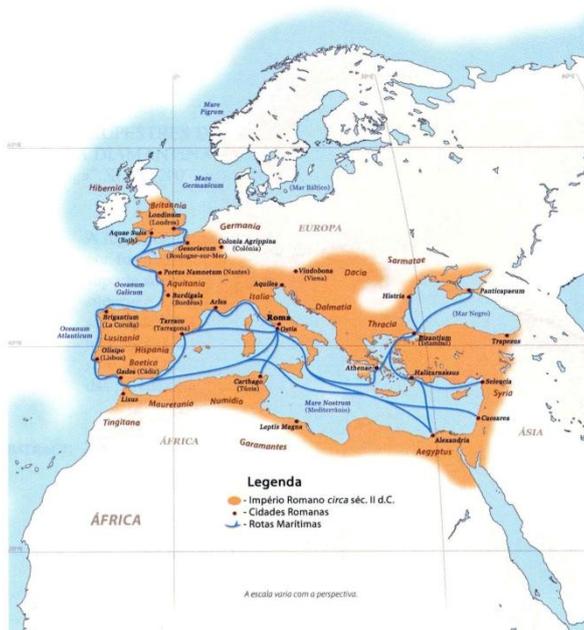
Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 15

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

EST. IX

Duração Rotas Marítimas

- Gades - Ostia (9 dias)
- Arles - Alexandria (30 dias)
- Ostia - Alexandria (16 a 20 dias)
- Ostia - Caesarea (20 dias)



FONTE: Beltrán Lloris & Marco Simón (1987) - Atlas de Historia Antigua
Atlas da História do Mundo (1999) from "The Times History of the World"

© Nuno FARINHA & Fernando CORREIA | 2006

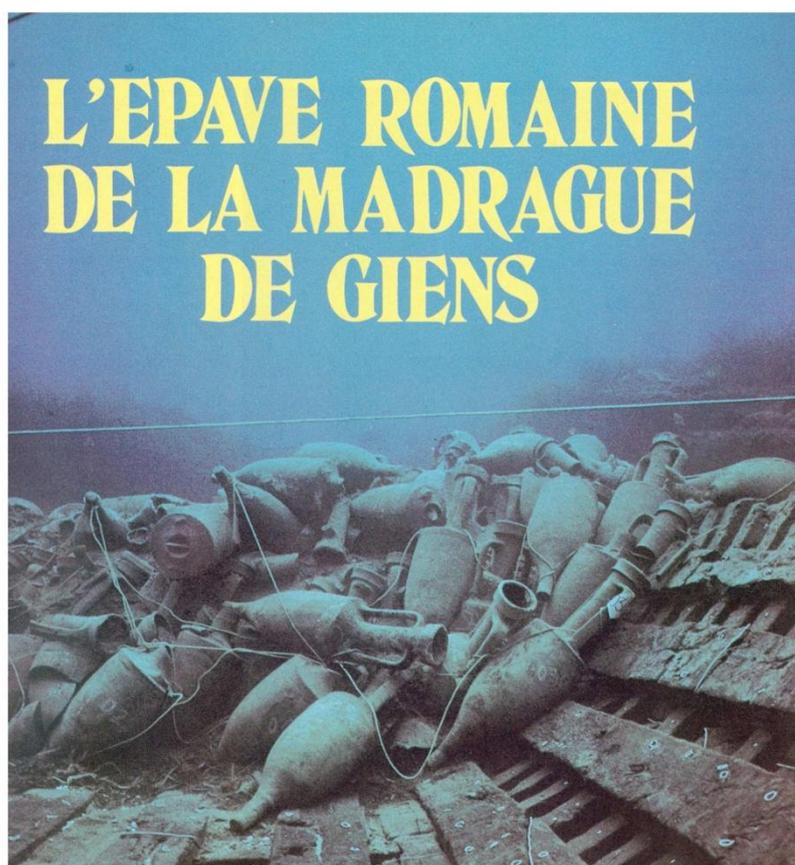
FREIRE; FARINHA;
FIALHO E CORREIA
2007

Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 16

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

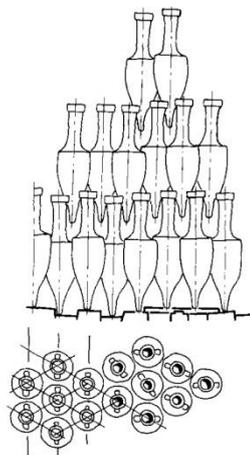
Texto de apoio

POMEY, Patrice (1978) – “L’Epave Romaine de la Madrague de Giens”. *Dossiers de l’Archéologie*. Fontaine-Lès-Dijon: Archeologia. 29 (juillet-août): 83-93.

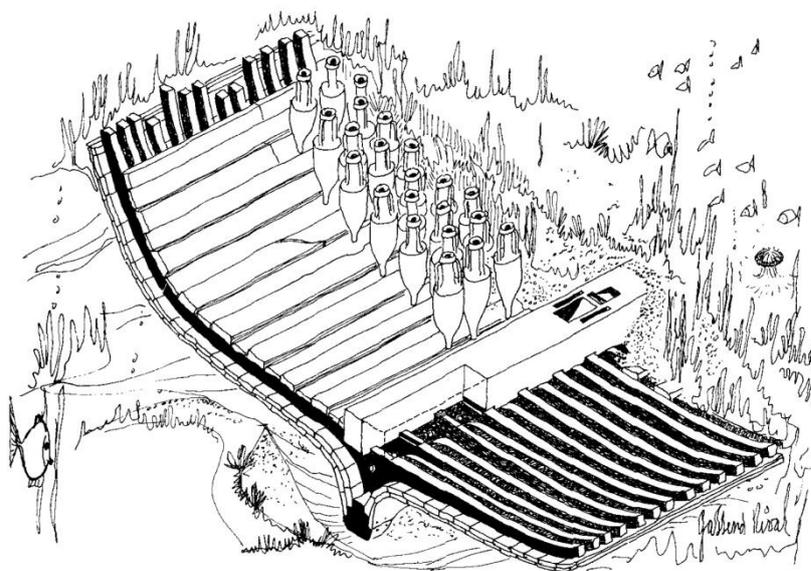


Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 17

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



POMEY 1978: 88.



Passeio À Roda de Esteiros, Salgas de Peixe e Olarias [22 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 18

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Visita Temática *Itinerário Romano*

– Lisboa –

[11 de Julho de 2009]



(Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cast_s_jorge_2.jpg)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Programa

09:00 Horas – Partida do Seixal

10:00 Horas – Visita ao Castelo de São Jorge, guiada pela arqueóloga Alexandra Gaspar.

11:00 Horas – Visita ao Claustro da Sé de Lisboa, guiada pela arqueóloga Alexandra Gaspar.

12:00 / 14:00 Horas – Intervalo para almoço livre

14:00 Horas – Visita ao Teatro Romano de Lisboa, guiada pela arqueóloga Clara Ferreira.

15:00 Horas – Visita ao Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, guiada pela arqueóloga Jacinta Bugalhão.

16:00 Horas – Visita às estruturas arqueológicas da Casa dos Bicos, guiada pelo arqueólogo Rodrigo Banha da Silva.

17:00 Horas – Regresso ao Seixal

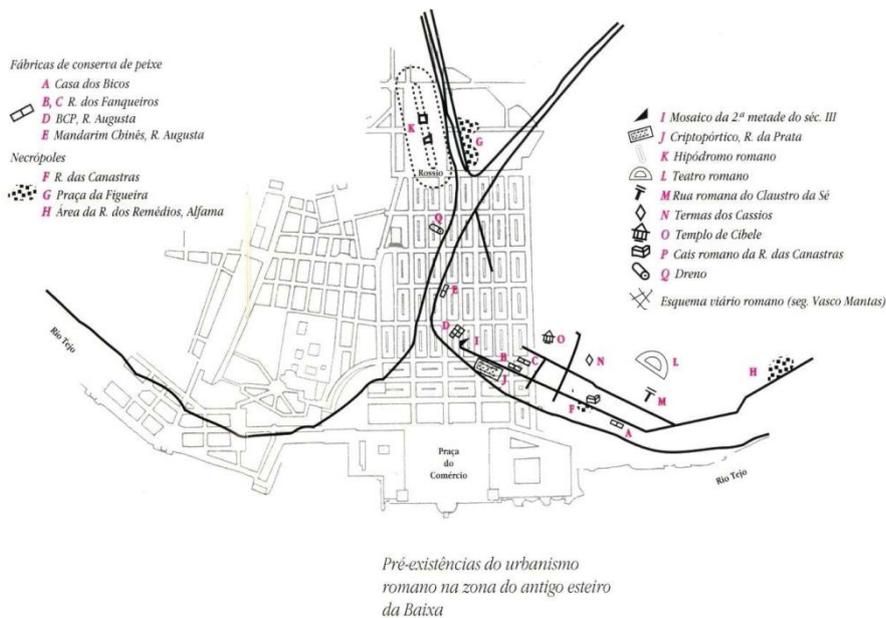
Colaboração

- Cabido da Sé de Lisboa
- Câmara Municipal de Lisboa / Museu da Cidade de Lisboa
- EGEAC (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural)
- Fundação Millennium BCP

Visita Temática Itinerário Romano – Lisboa [11 de Julho de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 2

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

A Lisboa Romana

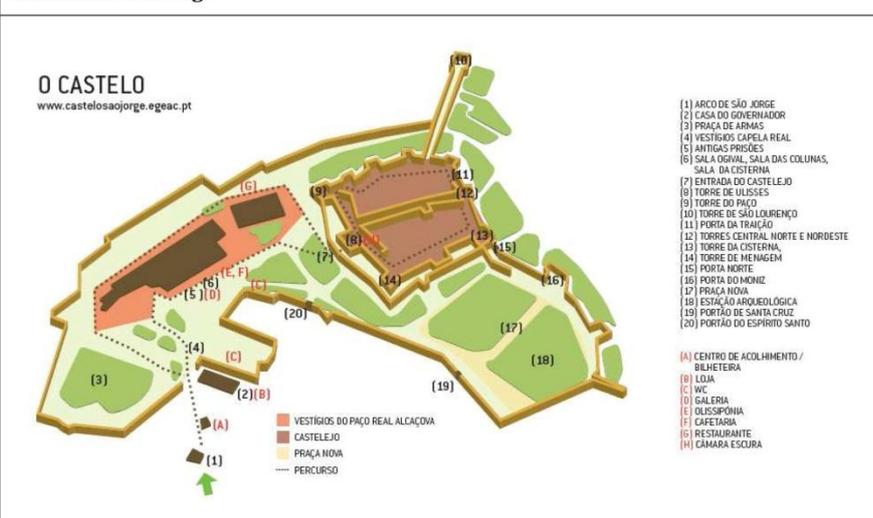


Fonte: Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (1995)
Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Pontos de visita

Castelo de São Jorge



Declarado Monumento Nacional em 1910, pouco antes da implantação da República, o Castelo de São Jorge ergue-se na mais alta colina de Lisboa, datando do século II a.C. a primeira fortificação conhecida. Intervenções arqueológicas recentes permitiram registar testemunhos de ocupação ainda mais antigos, que recuam pelo menos até ao século VI a.C.

Por aqui passaram Fenícios, Gregos, Cartagineses, Romanos e Muçulmanos, sendo estes últimos os responsáveis pela definição dos limites da Alcáçova, cujo perímetro corresponde, sensivelmente, à actual freguesia do Castelo.

Em 1147, dá-se a conquista cristã da cidade, conduzida por D. Afonso Henriques. A partir do século XIII, o Castelo albergou o Paço Real, tornando-se Lisboa a Capital do reino. A mudança da residência real para a zona ribeirinha, a instalação de quartelamentos e o terramoto de 1755 contribuíram para o seu declínio e degradação.

Descaracterizado e em parte interdito ao lisboeta, assim chega ao século XX, o Castelo de São Jorge. É então alvo de duas importantes intervenções planeadas: uma em 1940 e outra, ainda em curso, da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa / Pelouro de Reabilitação Urbana / Fundo de Turismo e da Empresa Municipal EGEAC. Investe-se na realização de obras de conservação no monumento e desenvolve-se um conjunto de intervenções na área habitacional.

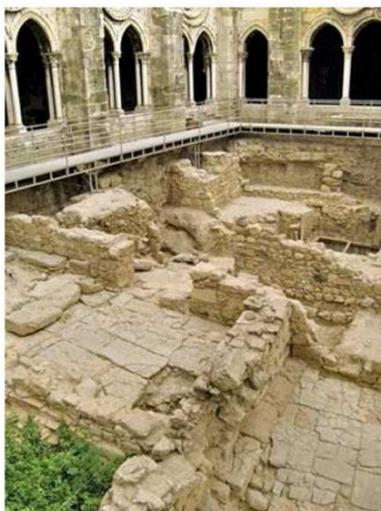
Os trabalhos arqueológicos mais recentes decorreram de 1996 a 2003 e revelaram estruturas modernas e medievais, dos períodos cristão e islâmico. Abundantes materiais de Época Romana e da Idade do Ferro comprovam a ocupação do espaço desde então.

Em 2007 foi apresentado um projecto de musealização do sítio.

Fonte: EGEAC (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural) / IGESPAR

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Claustro da Sé de Lisboa



Ruínas no Claustro da Sé de Lisboa.

(Fonte: http://www.pessoal.utfpr.edu.br/msergio/peninsula2007_arqueo-rom_arquivos/image017.jpg)

Alvo de uma primeira série de escavações arqueológicas entre 1990 e 1994, o claustro da Sé de Lisboa (Igreja de Santa Maria Maior, classificada como Monumento Nacional desde 1907), construído no reinado de D. Dinis (1279-1325), revelou a sobreposição de estruturas que permitem recuar a ocupação do espaço até à Idade do Ferro (século VII a.C.).

As escavações prosseguiram entre 1996 e 1998 e, no ano seguinte, iniciou-se um Programa de Valorização do espaço.

Para além de vestígios de edificações e de uma lixeira do século XVI, identificaram-se muros e um aterro do século XIV.

Recuando no tempo, reconheceram-se também áreas habitacionais e um edifício público de época islâmica, com um pátio onde ainda eram visíveis paredes rebocadas e pintadas a vermelho e branco.

Por fim, parte de uma rua da malha urbana da cidade em Época Romana, ladeada de casas e lojas que foram sendo transformadas e adaptadas e diferentes funções, sobrepunha-se a níveis onde se recolheu espólio datável da Idade do Ferro.

Fonte: IGESPAR.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Museu do Teatro Romano de Lisboa



Ruínas do teatro romano de Lisboa
(Fonte: <http://picasaweb.google.com/lh/photo/fvW7W-JKDtFtKN2DwQ8LAA>)

O teatro constituiu um dos principais instrumentos de romanização, enquanto espaço privilegiado para representações cénicas associadas às festividades religiosas, bem como para as que se dedicavam ao culto imperial e à exaltação do Império.

O Teatro Romano de Lisboa é um dos mais importantes edifícios da cidade e comportava 3000 a 5000 espectadores. Construído provavelmente nos inícios do Império (1ª metade do séc. I d.C.) e remodelado em 57 d.C., no tempo de Nero, o edifício foi abandonado como espaço cénico no séc. IV d.C.

Depois reaproveitado para uso privado, permaneceu soterrado até 1798, ano em que as ruínas foram descobertas durante a reconstrução da cidade que se seguiu ao terramoto de 1755.

As campanhas arqueológicas realizadas desde 1964 permitiram colocar a descoberto cerca de um terço do monumento.

O Museu do Teatro Romano abriu ao público em 2001 e está instalado em parte de um edifício do séc. XVII, ao qual foi acrescentado um piso nos inícios do séc. XX. Trata-se de uma estrutura característica da arquitectura industrial da época, onde funcionou uma tipografia e uma fábrica de malas.

O Museu é um espaço em construção, apoiado por suportes multimédia, onde pode ser observada uma proposta de reconstituição do monumento. Compreende uma área de exposição e a zona das ruínas.

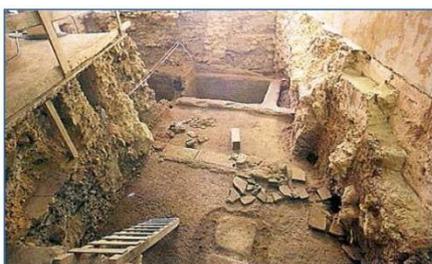
Fonte: Câmara Municipal de Lisboa.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros



Estruturas da Idade do Ferro: compartimentos rectangulares com estrutura de combustão ao centro
(© Fundação BCP)



Estruturas de Época Romana, incluindo parte de fábrica de conservas de peixe (© Fundação BCP)

Na sequência da instalação de uma sucursal do Banco Comercial Português (BCP) num quarteirão que se desenvolve entre a Rua Augusta e a Rua dos Correeiros, procedeu-se à escavação arqueológica do espaço entre 1991 e 1995.

A importância dos resultados justificou a instalação de um núcleo museológico no sítio, preservando vestígios de ocupação que recuam até ao século V a.C., na denominada Idade do Ferro.

Desde a fase de conquista e consolidação do domínio romano (até à primeira metade do século I d.C.) e até aos finais do século V d.C., o local foi utilizado como necrópole por vários períodos, com rituais de cremação e de inumação.

No entanto, a principal utilização será como centro de produção de conservas e outros preparados de peixe. 25 tanques agrupam-se em quatro núcleos, com acesso por cinco pátios.

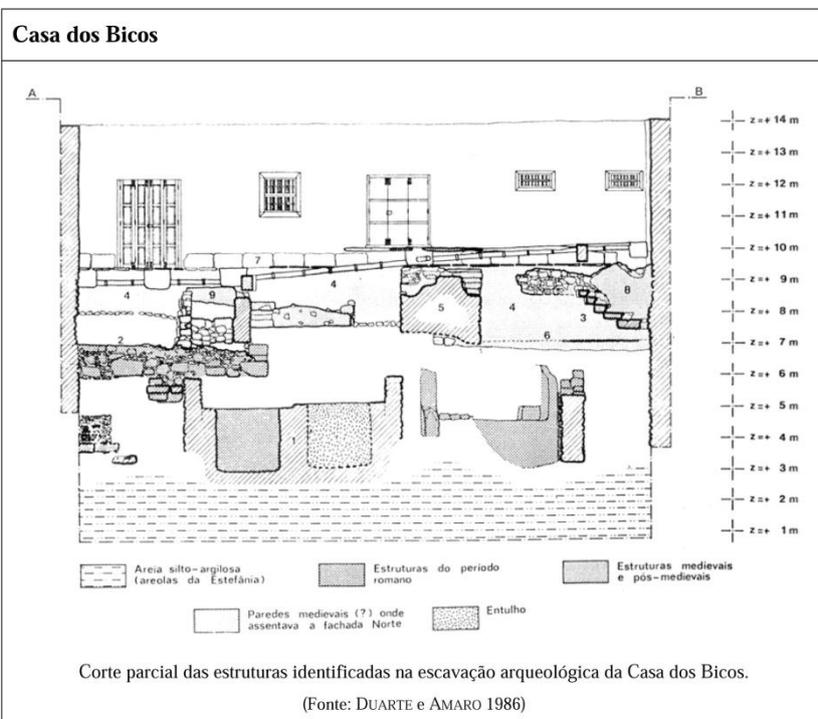
Nas zonas de apoio às unidades “industriais” existia ainda um balneário, de que resta parte de uma sala pavimentada com mosaico policromo, datável da segunda metade do século III d.C.

Toda a área é delimitada a Sudoeste por uma via lajeada que daria acesso a outros locais da cidade romana.

Naturalmente, todas estas construções estão sobrepostas e cortadas por outras mais recentes, nomeadamente as relacionadas com a reconstrução pombalina posterior ao terramoto de 1755.

Fonte: *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros* (1995) – Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Construída provavelmente em 1523, a Casa dos Bicos era constituída por loja, sobreloja e dois andares nobres, que caíram no terramoto de 1755. Organizava-se internamente em socalco, com um desnível de cerca de 7,5 metros entre as soleiras das portas da fachada principal (Rua dos Bacalhoeiros) e das traseiras (Rua Afonso de Albuquerque).

O edifício está classificado como Monumento Nacional desde 1910 e albergou um dos núcleos da XVIIª Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, em 1983. A remodelação total do interior para esse efeito motivou a realização de uma das primeiras intervenções de Arqueologia urbana na capital, ainda que extremamente condicionada pelas opções dos projectos de Museologia e Arquitectura.

Apesar disso, para além de várias transformações ocorridas em época moderna e medieval, foi identificada uma unidade de produção de conservas e outros preparados de peixe em Época Romana, de que eram parcialmente visíveis quatro tanques, alguns compartimentos anexos e uma canalização.

Importante foi também o achado de um troço da muralha da cidade em Época Islâmica (a “cerca moura”), de que muitos materiais foram reutilizados na construção de casas nobres da zona.

Fonte: DUARTE, Ana Luísa e AMARO, Clementino (1986) – “Casa dos Bicos: a cidade e a Arqueologia”. *Trabalhos de Arqueologia*. 3: 143-154.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Visita Temática *Itinerário Romano*
– Península de Setúbal –
Centro Histórico de Setúbal e Tróia

[21 de Junho de 2009]



Ruínas Romanas de Tróia (© Troiaresort)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Programa

09:00 Horas – Partida do Seixal

10:00 Horas – Visita aos vestígios de Época Romana no centro histórico de Setúbal (Travessa Frei Gaspar, Rua António Joaquim Granjo e Rua Arronches Junqueiro, com exibição de audiovisual sobre a investigação arqueológica nesta zona da cidade), guiada pelo arqueólogo Carlos Tavares da Silva.

12:30 / 14:30 Horas – Intervalo para almoço

15:30 Horas – Visita às Ruínas Romanas de Tróia, guiada pelas arqueólogas Inês Vaz Pinto e Ana Patrícia Magalhães.

17:30 Horas – Regresso ao Seixal

Colaboração



Centro de Estudos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal



Tróiaresort

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

A Setúbal Romana

Os primeiros contactos das populações da região de Setúbal com o mundo romano ocorreram nos séculos II e I antes de Cristo (período romano republicano). As populações indígenas habitavam então povoados fortificados como os de Pedrão (serra de S. Luís) e Chibanes (serra do Louro), onde se encontraram vestígios materiais desses contactos comerciais. Entre estes destacam-se as cerâmicas oriundas da península Itálica, tais como as ânforas que daí traziam afamado vinho, e as peças revestidas por verniz negro que designamos por “campanienses” (da Campânia).

Progressivamente, o modo de vida das populações foi sendo influenciado pelos contactos com a cultura romana e sofreu alterações significativas após o período da conquista, na fase da colonização (período romano imperial). Os castros foram abandonados e fundaram-se centros urbanos como *Cæto-briga* (Setúbal) e *Salacia* (Alcácer do Sal).

O processo colonizador foi rápido e eficiente. Os vestígios arqueológicos dão-nos conta, a partir do século I, de uma sociedade urbana, escravagista e fortemente militarizada. A região de Setúbal atravessou então, e até ao final do século II, um período de grande florescimento económico, especializando-se no fabrico de salgas de peixe.

A economia do estuário do Sado, particularmente direccionada para a exportação por via marítima (Roma incluída), viria a mostrar-se muito sensível às flutuações económico-sociais do Império, entrando em colapso a partir de finais do século IV ou inícios do século V. As fábricas de preparados piscícolas foram abandonadas e transformadas em cemitérios ou lixeiras e Setúbal sofreu uma profunda desurbanização entre os séculos V e XIII.

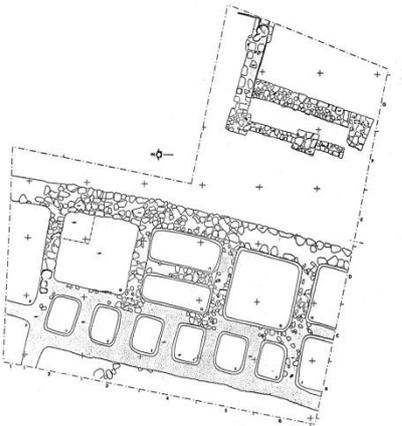
Várias descobertas provam a influência romana na cidade. No primeiro decénio do século XX, ao construir-se o túnel do caminho-de-ferro Palhais-Fontainhas, surgiu nas proximidades do Miradouro uma necrópole de inumação com materiais dos séculos II a IV d.C. Mais tarde, em 1957, a construção de vários quilómetros de rede de saneamento revelou numerosos vestígios da Época Romana, distribuídos por dois núcleos: um oriental e maior, que se estendia do alto de S. Sebastião até à Praça do Bocage, e outro, ocidental e de reduzidas dimensões, restringido a um curto troço da Rua Direita de Troino. A construção de edifícios nos n.ºs 40 e 52 da Rua Antão Girão (1968) e nos n.ºs 52 e 56 da Rua Arronches Junqueiro (1971) voltou a confirmar a existência, nessa zona da cidade, de estratos com grande densidade de materiais romanos.

Até à actualidade, vários outros achados ocorreriam, já no âmbito da actividade do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS).

Fonte: MAEDS.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Pontos de visita

Setúbal	
Centro Histórico de Setúbal	
 <p>Aspecto da escavação da fábrica romana de conserva de peixe da Travessa de Frei Gaspar (© MAEDS)</p>  <p>Planta da área escavada na Travessa de Frei Gaspar (© MAEDS)</p>	<p>A actual cidade de Setúbal era já um importante aglomerado populacional e “industrial” em Época Romana, entre os séculos I e V d.C., sendo então conhecida por <i>Caetobriga</i>. A identificação da urbe com esse antigo topónimo alimentou prolongada polémica, mas está comprovada por programa de investigação promovido desde 1974 pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS).</p> <p>As principais escavações ocorreram na Travessa Frei Gaspar (1979) e na Praça do Bocage (1980), onde se localizaram instalações para salga de peixe, e no Largo da Misericórdia (1988), com identificação de dois fornos de uma olaria produtora de ânforas e respectivas tampas em cerâmica.</p>  <p>As estruturas arqueológicas da Travessa de Frei Gaspar foram integradas no edifício da Comissão de Turismo (© MAEDS)</p>

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Mosaico da Rua António Joaquim Granjo
(© MAEDS)



Mosaico da Rua Arronches Junqueiro
(© MAEDS)

Os achados mais recentes (em trabalhos que estão a decorrer desde 2008) incluem parte de um grande reservatório de água para abastecimento público e vestígios de edifícios importantes para a reconstrução da Setúbal da Época Romana.

Assim, a escavação do interior do n.º 19 da Rua António Joaquim Granjo revelou parte de um imponente edifício, construído no século I e habitado até aos séculos IV ou V. Duas salas estão pavimentadas por mosaicos policromos datados do século III que, pela sua qualidade, devem ter sido importados do Norte de África.

Uma sondagem no interior do n.º 73-75 da Rua Arronches Junqueiro, embora de dimensão muito limitada, permitiu identificar outro mosaico policromo, neste caso datado dos séculos III ou IV. Integrou o peristilo da casa de abastado proprietário, provavelmente relacionada com o edifício parcialmente preservado sob a Rua António Joaquim Granjo.

Fonte: MAEDS.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Grândola

Ruínas Romanas de Tróia



Ruínas Romanas de Tróia (© Troiaresort)

De acordo com as primeiras referências publicadas, da autoria de Gaspar Barreiros e de André de Resende, as Ruínas Romanas de Tróia são conhecidas desde o séc. XVI, e foram objecto de inúmeros trabalhos de escavação desde o séc. XVIII. Os mais significativos foram aqueles promovidos pela Sociedade Arqueológica Lusitana, iniciados em 1850, os de Manuel Heleno, director do Museu Etnológico (actual Museu Nacional de Arqueologia), de 1948 até à década de 60, e os de Fernando de Almeida, director do mesmo museu, nas décadas de 60 e 70 do séc. XX. Foram também marcantes os estudos de Inácio Marques da Costa nas primeiras décadas do séc. XX. A estação foi classificada como Monumento Nacional em 1910.

As cerca de vinte unidades de produção de salga de peixe identificadas neste sítio arqueológico, com os seus característicos tanques dispostos à volta de pátios, e na sua maioria de grandes dimensões, revelam que se instalou naquela língua de areia da península de Tróia, em meados do séc. I, um importante complexo de produção de conservas e molhos de peixe, com uma capacidade de produção acima de qualquer outro complexo conhecido, quer na Lusitânia, na Bética ou na África romana.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Ruínas Romanas de Tróia (© Troiaresort)

As investigações puseram ainda a descoberto umas termas encostadas à maior fábrica de salga de Tróia, um núcleo residencial com casas com primeiro andar, um mausoléu e várias necrópoles. Sobre uma oficina de salga desactivada foi instalada uma basílica paleocristã com paredes decoradas com motivos predominantemente geométricos e vegetalistas, datada de finais do século IV ou inícios do século V.

Tudo aponta para que a produção de preparados de peixe tenha terminado em meados do século V, mas a povoação continuou a ser ocupada até ao século VI, sendo depois do abandono totalmente coberta por dunas de areia.

Fonte: Troiaresort.

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Visita Temática *Itinerário Romano*

– Mérida –

[03 e 04 de Outubro de 2009]



Teatro Romano (© Consórcio Cidade Monumental de Mérida)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Programa

03 de Outubro:

07:00 horas – Partida do Seixal (Praça 1º de Maio)
14:00 horas (hora local) – Chegada a Mérida e registo no Hotel Velada Mérida
14:30 horas – Almoço livre
16:15 horas – Concentração junto ao *Museo Nacional de Arte Romano*
16:30 horas – Visita ao *Museo Nacional de Arte Romano* de Mérida

04 de Outubro:

09:00 horas – Pequeno-almoço de *check-out* no Hotel Velada Mérida
10:00 horas – Visita ao Teatro e Anfiteatro Romanos de Mérida
12:00 horas – Percurso livre (possibilidade de visita à Casa Romana do Anfiteatro, *Casa del Mitreo, Alcazaba, Moreria, Cripta de Sta. Eulália, Circo Romano e Centro de Interpretación de los Columbarios*)
17:00 horas (hora local) – Concentração no Hotel Velada Mérida e partida para o Seixal
22h00 (hora local) – Chegada ao Seixal

Colaboração



Visita Temática Itinerário Romano – Mérida [03 e 04 de Outubro de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 2

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)



Ponte romana sobre o Rio Guadiana (data desconhecida)

<http://perso.wanadoo.es/fccmerida/bloque3.htm#>

EMERITA AUGUSTA

Mérida é uma cidade de origem romana que conserva um importante Património Monumental da Humanidade. A sua contínua ocupação por mais de dois mil anos proporciona a recolha frequente de informações arqueológicas sobre o passado da cidade.

Fundada cerca do ano 25 a.C., viria a adquirir o nome de *Emérita Augusta*, como prémio do imperador Augusto aos veteranos das legiões que lutaram contra os cantábricos e os asturianos. Foi a capital da província romana da Lusitânia, posteriormente do território Hispano – *Diocese Hispaniarum* –, e voltou a ostentar esse mesmo estatuto noutros períodos históricos.

Durante o período muçulmano, Mérida perdeu importância. Com as contínuas rebeliões dos seus habitantes contra o domínio do califado, Abderramán II ordenou a destruição parcial da cidade no ano 842.

Começa nesta época um longo período de decadência da cidade, tanto a nível político como religioso. A reconquista cristã levada a cabo por Afonso IX em pouco contribuiu para o seu desenvolvimento.

A antiga capital da Lusitânia conta hoje com mais de 60.000 habitantes, orgulhosos da importância histórica da sua cidade, declarada Património da Humanidade pela UNESCO em 1993. Actualmente, o seu desenvolvimento urbano compatibiliza a modernização do núcleo urbano com os vestígios históricos do passado e Mérida vive um período de expansão desde que foi designada capital da *Extremadura* espanhola.

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Historico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorcioemerida.org)

Visita Temática Itinerário Romano – Mérida [03 e 04 de Outubro de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 3

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

PLANO DA CIDADE DE MÉRIDA



Hotel: Hotel Velada Mérida

1: *Museo Nacional de Arte Romano*

2 e 3: Teatro e anfiteatro romanos

4: Casa do anfiteatro

5: Circo romano

6: *Casa del Mitreo*

7: *Área funeraria de los columbarios*

8: Alcáçova islâmica

9: Área arqueológica da Mouraria

10: Cripta da Basílica de St.^a Eulália

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Historico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

PONTOS DE VISITA

DIA 3

1. MUSEU NACIONAL DE ARTE ROMANO

Horário: 16 às 21 horas



Museo Nacional de Arte Romano (foto de Fernando Miranda)

<http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www.panoramio.com/photos/original/25766992.jpg&imgrefurl=http://www.panoramio.com/photo/25766992&usq>

O actual Museu Nacional de Arte Romano foi criado por Decreto Real a 26 de Março de 1838, em substituição do antigo Museu Arqueológico de Mérida.

O edifício actual concretiza projecto da autoria do arquitecto espanhol Rafael Moneo Valées, tendo sido inaugurado a 19 de Setembro de 1986.

Centro de pesquisa e de divulgação da cultura romana, é local de conferências, simpósios, cursos, exposições e outras actividades de âmbito nacional e internacional.

O Museu apresenta uma arquitectura vertical, num percurso expositivo que se distribui por quatro andares, um deles em cave.

No nível mais baixo encontramos a **cripta**, onde são apresentados vestígios arqueológicos detectados aquando da construção do edifício, nomeadamente parte da conduta de São Lázaro e da calçada romana que fazia a ligação à cidade de Córdoba, bem como variadas estruturas habitacionais e funerárias.

Visita Temática Itinerário Romano – Mérida [03 e 04 de Outubro de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 5

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

Já no **pisso térreo**, a estatuária diversa e a decoração parietal remetem o visitante para os espectáculos que eram preparados para as grandes massas, bem como para aspectos sociais, religiosos e rituais. São tratados os combates de gladiadores e as grandes encenações teatrais, apresentando-se a evolução arquitectónica de alguns edifícios (o Fórum, a Casa Romana e o Teatro).

A cerâmica é um dos elementos arqueológicos que melhor documenta o ambiente humano das sociedades antigas. A sua abundância, variedade de formas, estilos e técnicas, fornece dados importantes sobre questões económicas, religiosas, sociais e até políticas. Assim, no **1º andar**, o visitante pode conhecer os vários tipos de cerâmicas encontradas em escavações. Cerâmica de cozinha e de servir à mesa (nas habitações comuns ou de maior estatuto social), juntamente com lucernas (lâmparinas) e vários trabalhos em prata, vidro, ourivesaria e osso, complementam os exemplares de numismática cunhados em Mérida. É, desta forma, apresentado um panorama sobre as produções em Mérida durante o período romano.

O **2º andar** encontra-se ligado a vários aspectos sociais e culturais. A administração civil e provincial da colónia, aliada a questões relacionadas com a conservação dos principais edifícios públicos e das infra-estruturas urbanas, bem como a estrutura político-social associada a estas tarefas e outras semelhantes, são o tónico principal desta zona. A evolução social, ligada à passagem dos grandes senhores romanos da cidade para os campos e aos movimentos migratórios, pretende apresentar dos dois grandes esteios sociais que marcaram faces distintas do quotidiano emeritense. O retrato, as profissões e variados testemunhos materiais da arte e da cultura são vectores sociais que integram o *status quo* de Mérida no contexto do Império Romano.

Fonte: Museo Nacional de Arte Romano (<http://museoarteromano.mcu.es>)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

PONTOS DE VISITA

DIA 4

2. TEATRO ROMANO

Horário de abertura: 9:30 horas



O teatro romano é a mais representativa das estruturas arquitectónicas da cidade de Mérida.

O teatro de Mérida foi inaugurado cerca dos anos 16-15 a.C., a mando do cônsul Marco Agripa, tendo estado soterrado durante vários séculos, quando era apenas visível a parte superior da arquibancada.

Esta tinha capacidade para 6.000 espectadores e foi construída aproveitando parcialmente o relevo da encosta de S. Albin. É dividida em três sectores: *ima*, *media* e *summa cavea*, de modo a organizar os espectadores segundo o seu estatuto social. O espaço semicircular frente ao palco, a *orquestra*, estava reservado às autoridades.

A área mais imponente do teatro está na frente do palco, com duas séries de colunas de mármore, originalmente ladeadas por esculturas alusivas a divindades e ao culto imperial.

Completa o conjunto uma pequena sala, que também se presume dedicada ao culto imperial.

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)

Visita Temática Itinerário Romano – Mérida [03 e 04 de Outubro de 2009]
Ecomuseu Municipal do Seixal – pág. 7

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

3. ANFITEATRO ROMANO

Horário de abertura: 9:30 horas



Inaugurado no ano 8 a.C., o anfiteatro serviu de arena para combates de gladiadores e lutas com animais. Apresenta forma elíptica, com uma fossa central, que seria provavelmente coberta por um soalho, permitindo armazenar as jaulas dos animais e algum material cénico.

Tal como no teatro, a arquibancada encontrava-se dividida em três sectores, de modo a organizar os espectadores segundo o seu estatuto social.

Nas extremidades do eixo menor do edifício foram construídas duas tribunas, a ocidental reservada às autoridades, e a oriental à personalidade que patrocinava o espectáculo. Duas galerias davam acesso à entrada dos gladiadores.

O conjunto inclui algumas habitações, provavelmente destinadas aos gladiadores ou aos animais. Uma delas poderá inclusive ter sido utilizada como espaço para o culto de Némesis, deusa protectora dos gladiadores.

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

4. CASA DO ANFITEATRO

Horário de abertura: 9:30 horas



Este recinto é composto por um dos tramos da muralha, parte do aqueduto de São Lázaro, uma torre de água, duas casas e um mausoléu.

As casas estão datadas de finais do século I d.C., apresentando estruturas relativas aos seus pátios, corredores e quartos, alguns ainda pavimentados por mosaicos decorados com motivos associados às vindimas e à pesca. Após o seu abandono no início do século IV, instalou-se no espaço uma necrópole.

Num dos mausoléus encontrou-se um lintel com representações dos dois rios que banham Mérida, nomeadamente o Guadiana (*Ana*) e o Albarregas (*Barraeca*). Este lintel pode ser apreciado na “*Area Funerária de los Columbários*”.

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Historico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

5. CIRCO ROMANO

Horário: 10-14 horas e 16-17 horas



Construído no século I, trata-se de um dos mais imponentes edifícios públicos da Mérida romana e um dos mais importantes do Império. A arquibancada apresenta a tradicional divisão em caveas, podendo suportar cerca de 30.000 espectadores.

A zona da arena ocupa uma área de 30.000 m². No centro, dividindo-a em duas partes, encontramos a *spina*, um separador e organizador do circuito, decorado com esculturas e obeliscos de que só restam as bases.

Num dos lados menores (Oeste) situava-se a porta “*pompae*”, de onde saía o cortejo procesional antes das competições, composto pelos cocheiros concorrentes, por músicos, sacerdotes, imagens religiosas, etc. Junto a esta porta encontravam-se os edifícios onde os participantes aguardavam até serem chamados para a competição.

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Historico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)

6. CASA DEL MITREO

Horário: 9:30-14 horas e 16-17 horas



A *Casa del Mitreo* é assim chamada pela sua proximidade a um hipotético templo dedicado a Mitra, que terá existido nas imediações da actual praça de touros.

Organiza-se a partir de três pátios, que articulam a vida da casa e proporcionam luz e ventilação.

Uma das salas é pavimentada com um dos mais interessantes mosaicos encontrados na cidade: o “mosaico cosmológico”, onde se personifica uma visão do mundo e das forças da natureza que o regem, junto com outras representações de algumas actividades humanas.

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Historico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

7. ÁREA FUNERARIA DE LOS COLUMBARIOS

Horário: 10-14 horas e 16-17 horas



Na *Área funeraria de los Columbarios*, o visitante pode conhecer melhor os hábitos e ritos funerários do mundo romano.

No local preservam-se parcialmente vários edifícios que abrigavam urnas com as cinzas de incineração de, pelo menos, duas famílias. A partir das inscrições nessas urnas, sabemos os nomes, origem e condição social dessas famílias: os *Voconios* e os *Julios*.

Sabemos também que os mausoléus foram construídos no século I.

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)

8. ALCÁÇOVA ISLÂMICA

Horário: 10-14 horas e 16-17 horas



Segundo inscrição aplicada na porta principal, a alcáçova foi inaugurada no ano 835. Zona residencial fortificada, serviu inicialmente para proteger os governantes e súbitos muçulmanos das revoltas da população de Mérida, para além de permitir o domínio da ponte sobre o Rio Guadiana.

O perímetro da fortificação, quase quadrada, é de cerca de 550 metros. Como contrafortes, va-

mos encontrar ao longo da muralha algumas moradias e 25 torres de planta quadrangular, algumas já construídas durante o domínio cristão.

No interior conservam-se diversos testemunhos arqueológicos e arquitectónicos, representativos de várias fases da vida da cidade e relacionados com o armazenamento de água, o controlo do acesso à ponte, o urbanismo ou edifícios notáveis de épocas romana, visigoda, islâmica ou cristã.

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Histórico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)

Programa de Iniciativas Complementar à Exposição
Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)

9. ÁREA ARQUEOLÓGICA DA MOURARIA

Horário: 10-14 horas e 16-17 horas



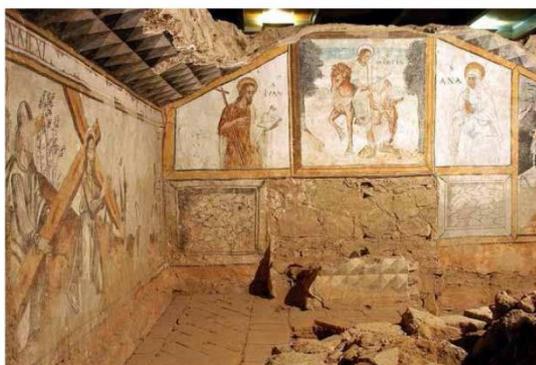
A escavação de uma área com cerca de 12.000 m², aquando de intervenção arqueológica na zona da antiga mouraria, forneceu abundantes informações sobre a evolução urbana e histórica da cidade.

A proximidade do Rio Guadiana e da ponte romana favoreceram a ocupação contínua da área em sucessivas fases históricas: romana, visigoda, medieval islâmica e cristã, moderna e contemporânea.

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Historico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)

10. CRIPTA DA BASÍLICA DE SANTA EULÁLIA

Horário: 9:30-14 horas e 16-17 horas



Em 1990, obras de remodelação na igreja de Santa Eulália de Mérida, justificaram a escavação arqueológica do subsolo, com resultados importantes para o conhecimento da evolução histórica do edifício e do espaço onde se implanta.

Reconheceram-se quatro etapas, a primeira das quais constituída pelos restos de algumas casas romanas.

Num segundo momento, essas casas foram sobrepostas por uma necrópole cristã (a partir do século IV).

No mesmo espaço viria a erguer-se a basílica dedicada a Santa Eulália (século V) e, mais tarde, a igreja actual (que remonta a 1230).

Fonte: Consórcio de la Ciudad Monumental Historico-Artística y Arqueológica de Mérida (www.consorciomerida.org)



[ORGANIZAÇÃO]
Câmara Municipal do Seixal / Ecomuseu Municipal do Seixal
UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa
Centro de Arqueologia de Almada

[COMISSÃO ORGANIZADORA]
Graça Filipe e Jorge Raposo
(CMS / EMS)
Carlos Fabião, Amílcar Guerra e João Almeida
(UNIARQ – CA-UL)
Francisco Silva
(CAA)

[CONTACTOS]
Ecomuseu Municipal do Seixal
Praça 1.º de Maio, n.º 1
2840-485 Seixal
PORTUGAL
Tel.: +351 210 976 112
Fax: +351 210 976 113
E-mail: ecomuseu@cm-seixal.pt
<http://www.cm-seixal.pt/ecomuseu>

*Seminário Internacional e
Ateliê de Arqueologia Experimental*

A OLARIA ROMANA

SEIXAL, 17 A 20 DE FEVEREIRO DE 2010

Audatório Municipal – Fórum Cultural do Seixal (seminário)

Ecomuseu Municipal do Seixal (ateliê): núcleos do Moinho de Maré de Corroios e da Olaria Romana da Quinta do Rouxinol

[ORGANIZAÇÃO]

[APOIO]



A OLARIA ROMANA

*Seminário Internacional e
Ateliê de Arqueologia Experimental*

A exposição **Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)** foi produzida no contexto de uma parceria entre o Ecomuseu Municipal do Seixal e o Museu Nacional de Arqueologia, e está patente neste último entre Março de 2009 e Fevereiro de 2010.

Nesse período, um vasto programa de iniciativas complementares inclui acções direccionadas para públicos diversificados, com particular incidência nas comunidades escolares. Outros eventos, contudo, têm por destinatários arqueólogos e investigadores da presença romana no território hoje português, da olaria artesanal ou de colecções cerâmicas, bem como estudantes e outros interessados nestas temáticas, sob múltiplas perspectivas de abordagem: arqueológica, antropológica, patrimonial, museológica, etc.

Como corolário, realiza-se no Seixal, entre 17 e 20 de Fevereiro de 2010, o **Seminário Internacional “A Olaria Romana”**, para divulgação e debate de problemáticas relacionadas com a actividade oleira em Época Romana, actualizando o que sabemos sobre a organização espacial e funcional das olarias, a arquitectura e o modo de funcionamento dos fornos e as respectivas produções cerâmicas.

O programa do Seminário integra ainda um **Ateliê de Arqueologia Experimental**, que funcionará junto da olaria romana da Quinta do Rouxinol (Corroios), e onde será possível observar a execução de réplicas de cerâmicas romanas, bem como o respectivo processo de enforamento / cozedura / desenforamento, em forno construído no local, tendo por modelo um dos fornos romanos aí preservados e a investigação arqueológica e etnográfica que sobre ele incidiu.

A OLARIA ROMANA

*Seminário Internacional e
Ateliê de Arqueologia Experimental*

PROGRAMA

17 de Fevereiro de 2010 | *Quarta-Feira*

Manhã [Fórum Cultural do Seixal]

- 09:00 • Recepção aos participantes
- 10:00 • Sessão inaugural, com a presença do Sr. Presidente da Câmara Municipal do Seixal, Alfredo Monteiro, e de representantes de entidades parceiras e convidadas
- 10:45 • Conferência de Abertura: **Carlos Fabião** (Universidade de Lisboa) – O Contributo dos Estudos Cerâmicos para a História da Presença Romana no Ocidente da Península Ibérica
- 11:30 • Debate
- 12:15 • Transporte até ao Núcleo da Mundet (autocarro disponibilizado pela organização)
- 12:30 • Almoço volante oferecido pela organização
- 13:30 • Transporte até ao Moinho de Maré de Corroios (autocarro disponibilizado pela organização)

Tarde [Moinho de Maré de Corroios e Quinta do Rouxinol]

- 14:00 • Ateliê de Arqueologia Experimental
 - Observação da actividade do oleiro **Paulo Franco** (Sobreiro, Mafra), na modelagem de réplicas de ânforas e outras cerâmicas romanas; discussão da cadeia operatória da olaria artesanal.
 - Observação da conclusão do enchimento de forno a lenha pelo forneiro **Michael da Silva Gomes** (Sobreiro, Mafra); discussão de aspectos arquitectónicos e tecnológicos.
 - Observação do início da cozedura de conjunto de peças cerâmicas; discussão de aspectos tecnológicos
- 17:30 • Visita à olaria romana da Quinta do Rouxinol e breve síntese dos trabalhos arqueológicos realizados no sítio, bem como das suas perspectivas de valorização
- 18:00 • Transporte até ao Museu Nacional de Arqueologia (autocarro disponibilizado pela organização)
Visita à exposição “Quinta do Rouxinol: uma olaria romana no estuário do Tejo (Corroios / Seixal)”, com oferta de “Moscatel de honra”.
- 19:30 • Regresso ao Seixal (autocarro disponibilizado pela organização)

18 de Fevereiro de 2010 | *Quinta-Feira*

Manhã [Fórum Cultural do Seixal]

CONFERÊNCIA

- 09:30 • **Françoise Mayet** (Directeur de Recherche Emérite au Centre National de la Recherche Scientifique) – Les ateliers d’amphores dans la Lusitanie romaine, après vingt ans de recherches

COMUNICAÇÕES

- 10:15 • **Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Eurico de Sepúlveda e Inês Alves Ribeiro** – Olaria romana do Morraçal da Ajuda (Peniche): estruturas de produção
- 10:45 • **Clementino Amaro e Cristina Gonçalves** (Museu Municipal de Benavente) – A olaria romana da Garrocheira (Benavente)
- 11:15 • Pausa para café
- 11:35 • **Jorge Raposo** (Ecomuseu Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada) – As Olarias Romanas do Porto dos Cacos (Alcochete) e da Quinta do Rouxinol (Seixal)
- 12:05 • Debate geral
- 13:00 • Almoço livre

Tarde [Fórum Cultural do Seixal]

CONFERÊNCIA

- 15:00 • **Darío Bernal Casasola e Jose Juan Díaz** (Universidade de Cádiz) – Las alfarerías de la *Baetica*: tecnología y análisis microespacial de las estructuras de producción
- 15:45 • **COMUNICAÇÕES** [mediante inscrição]
- 16:45 • Pausa para café
- 17:05 • **COMUNICAÇÕES** [mediante inscrição]
- 17:45 • Debate geral
- 18:30 • Apresentação de *posters* e mostra de produções cerâmicas

19 de Fevereiro de 2010 | *Sexta-Feira*

Manhã [Fórum Cultural do Seixal]

CONFERÊNCIA

- 09:30 • **Carlos Alberto Brochado de Almeida** (Universidade do Porto) – As olarias romanas no Norte de Portugal

COMUNICAÇÕES

- 10:15 • **Isabel Cristina Fernandes** (Museu Municipal de Palmela) e **Carlos Fabião** (Universidade de Lisboa) – A olaria romana do Zambujalinho (Palmela)
- 10:45 • **Françoise Mayet** (Directeur de Recherche Émérite au CNRS) e **Carlos Tavares da Silva** (Centro de Estudos Arqueológicos do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal) – Olarias romanas do Sado

- 11:15 • Pausa para café
- 11:35 • **Catarina Viegas** (Universidade de Lisboa) e **João Pedro Bernardes** (Universidade do Algarve) – As olarias romanas do Algarve
- 12:05 • Debate geral
- 13:00 • Almoço livre

Tarde [Fórum Cultural do Seixal]

CONFERÊNCIA

- 15:00 • **Luís Carlos Juan Tovar** – Programa *Officina*: inventario y estudio de los alfares romanos en la Península Ibérica. Un balance / presentación de la SECAH (Sociedad de Estudios de la Cerámica Antigua en Hispania – EX OFFICINA HISPANA)
- 15:45 • **COMUNICAÇÕES** [mediante inscrição]
- 16:45 • Pausa para café
- 17:05 • **COMUNICAÇÕES** [mediante inscrição]
- 17:45 • Debate geral
- 18:30 • Apresentação de *posters* e mostra de produções cerâmicas

20 de Fevereiro de 2010 | *Sábado*

Manhã [Quinta do Rouxinol]

- 09:30 • **Ateliê de Arqueologia Experimental**
Observação do desenformamento de conjunto de peças cerâmicas; discussão de aspectos tecnológicos
- 13:00 • Almoço volante no Moinho de Maré de Corroios (oferecido pela organização)
- 14:00 • Transporte até ao Seixal (autocarro disponibilizado pela organização)

Tarde [Fórum Cultural do Seixal]

CONFERÊNCIA

- 14:45 • **David Williams** (University of Southampton) – Studying Ceramics from the Production Perspective
- 15:30 • Debate geral sobre as condições experimentais de modelação e cozedura de peças cerâmicas em Época Romana; discussão e avaliação de resultados
- 17:00 • Balanço organizativo
- 17:30 • Sessão de encerramento, com a presença da Sr.ª Vereadora do Pelouro da Educação, Cultura, Turismo e Juventude da Câmara Municipal do Seixal, Vanessa Silva, e de representantes de entidades parceiras